



Número 2

Brasília, setembro de 2025

Relatório Conjuntura Industrial



Agência Brasileira de
Desenvolvimento Industrial

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS



UMA – ABDI

Unidade de Monitoramento
e Avaliação



Sumário



Número 2

Brasília, setembro de 2025

03 **Resumo Executivo**

04 **Introdução**

Conjuntura Desigual dos Setores Industriais

- 04 1.1 – A indústria de bens de capital
- 06 1.2 – A indústria de bens intermediários
- 07 1.3 – A indústria de bens de consumo
- 08 1.4 – A indústria de transformação e setores em destaque

Mercado de Trabalho

- 09 2.1 – Resultados do mercado de trabalho
- 12 2.2 – Emprego e Renda na Indústria

Resultados do Dispêndio, Crédito e Juros

- 13 3.1 – Comércio Varejista – Resultados da PMC
- 15 3.2 – Setor de Serviços – Resultados da PMS
- 16 3.3 – Consumo das Famílias, Crédito e Juros

Comércio Exterior

- 18 4.1 – A balança comercial
- 21 4.2 – A balança de serviços e o saldo da Renda Primária
- 21 4.3 – O saldo em transações correntes

Cenário da Indústria Brasileira

- 22 5.1 – Projeções sobre a indústria nacional
- 24 5.2 – Projeções dos impactos no Brasil das medidas tarifárias dos Estados Unidos



Resumo Executivo

O **Boletim Conjuntura Industrial n.2** apresenta análise detalhada do desempenho recente da indústria de transformação brasileira e de seus segmentos, articulando os principais resultados setoriais com o contexto macroeconômico, o mercado de trabalho, o consumo, o comércio exterior e as condições de crédito.

1. Conjuntura Industrial

A indústria de transformação manteve crescimento em 2025, porém, com desaceleração em relação a 2024 e desempenho desigual entre os subsetores. O setor de bens de capital, essencial para a formação de capacidade produtiva futura, apresentou recuperação após a pandemia e estabilidade desde o final de 2024, mas com queda em maio de 2025 (-2,1%). Adesaceleração é mais intensa em equipamentos de transporte industrial, indicando investimentos concentrados em máquinas de produção e menor expansão física de estoques e logística.

Os bens intermediários mantêm trajetória de alta desde 2023, com crescimento de 2,3% de janeiro a maio de 2025, comparado ao mesmo período do ano passado. Esse crescimento foi sustentado especialmente por insumos industriais básicos. Já os bens de consumo sinalizam alerta: estabilidade nos duráveis desde meados de 2024 e queda nos semiduráveis e não duráveis no início de 2025. O ambiente de taxa básica de juros surpreendentemente elevada, a guerra tarifária imposta pelos estados Unidos e a inadimplência crescente parecem explicar os problemas, principalmente na indústria de bens de consumo. Agrava o cenário a concorrência de importados chineses, que ampliaram participação na pauta de importações brasileiras.

No agregado, a indústria de transformação apresentou variação negativa de -0,6% entre janeiro e maio de 2025. Setores de menor valor agregado, como produtos têxteis e alimentícios, tiveram melhor desempenho, enquanto segmentos de maior valor agregado — como farmacêuticos, máquinas e equipamentos e veículos — recuaram.

2. Mercado de trabalho

Os indicadores permanecem positivos: a taxa de desocupação caiu para 5,8% no 2º trimestre de 2025, menor patamar histórico; a taxa de participação da força de trabalho manteve-se em 62,4%; e o rendimento médio real alcançou R\$ 3.477,00, alta de 3,3% sobre 2024. O saldo de empregos formais no acumulado de janeiro a maio superou 1 milhão, com 209,7 mil postos criados na indústria, dos quais 191,4 mil na indústria de transformação. O estoque de empregos formais na indústria de transformação chegou a 8,3 milhões, recorde histórico. Apesar da leve queda no indicador de massa salarial da CNI, o rendimento médio real do setor industrial subiu no 1º trimestre de 2025.

3. Comércio, serviços, crédito e juros

O comércio varejista acumulou alta de 2,2% de janeiro a maio de 2025, enquanto o setor de serviços avançou 2,5% no mesmo período, com destaque para serviços de informação e comunicação (+6,1%). O consumo das famílias foi sustentado pelo aumento da massa salarial entre janeiro e junho de 2025, impactada pela geração de postos de trabalho. Esse desempenho merece destaque, principalmente, em função da pressão contrária exercida pela taxa Selic de 15% a.a., a mais alta desde 2006. Tanto assim que o crédito continua em expansão, mas seu custo é crescente: taxa média anual de 31,5% nas operações totais e aumento da inadimplência para 3,55%, puxada por pessoas físicas.

4. Comércio exterior

O déficit em transações correntes atingiu US\$ 32,8 bilhões no 1º semestre de 2025, ante US\$ 17,6 bilhões no mesmo período de 2024, devido à queda no superávit comercial (aumento das importações), déficit maior em serviços e saldo negativo na conta de renda primária. As exportações recuaram para US\$ 167,1 bilhões (-0,9% no semestre), enquanto as importações cresceram para US\$ 141,1 bilhões (+7,4%). A China e os Estados Unidos responderam conjuntamente por 40,8% das exportações brasileiras no período, mas deve ser destacado que a corrente comercial com o Gigante Asiático, que assumiu a posição de maior parceiro comercial do Brasil, mostrou significativo crescimento no primeiro semestre deste ano.

5. Cenário Macroeconômico

Projeções indicam PIB de 2,3% a 2,4% maior em 2025, com desaceleração do consumo (crescendo 2% em relação a 2024) e investimentos (crescendo 3,4% em relação a 2024). O IPCA projetado permanece acima da meta de inflação, pressionado por serviços (6,2%) e alimentos (6,7%). A dívida bruta deve chegar a 79,4% do PIB.



6. Conclusão

O desempenho industrial em 2025 evidencia resiliência, mas com sinais previstos de desaceleração, especialmente em bens de consumo e segmentos industriais de maior valor agregado. A manutenção de juros elevados, guerra comercial estadunidense e a concorrência externa chinesa pressionam a produção e o comércio exterior, enquanto o mercado de trabalho segue robusto, sustentando o consumo interno. O crédito caro e o aumento da inadimplência, todavia, representam riscos para a continuidade do crescimento no segundo semestre.

Introdução

O **Boletim Conjuntura Industrial n.2** analisa o cenário econômico brasileiro, com ênfase na indústria de transformação. Para tanto, está dividido em cinco seções. A primeira, se debruça sobre a indústria de transformação. A segunda analisa o mercado de trabalho brasileiro. A terceira seção, observa o comércio, o setor de serviços e a situação do crédito no país. A quarta seção, destaca números fundamentais que apontam desafios ao país. Por fim, são apresentadas as projeções de importantes entidades de pesquisa econômica, como IPEA, CNI e CEDEPLAR (UFMG), para PIB, indústria de transformação, investimento, inflação entre outros.

A conjuntura desigual nos setores industriais

A indústria de transformação brasileira, como previsto no Boletim Conjuntura Industrial n. 1^o, continua a crescer, mas a taxas menores em 2025. Por isso mesmo, um dos setores mais afetados pela desaceleração do crescimento industrial é a indústria de bens de capital. Mesmo assim, é possível observar que o comportamento da produção dos diferentes subsetores de bens de capital apresenta diferenças importantes que permite afirmar que, até maio, último dado disponível, não se verifica motivos destacados para pessimismo².

1.1 A indústria de bens de capital

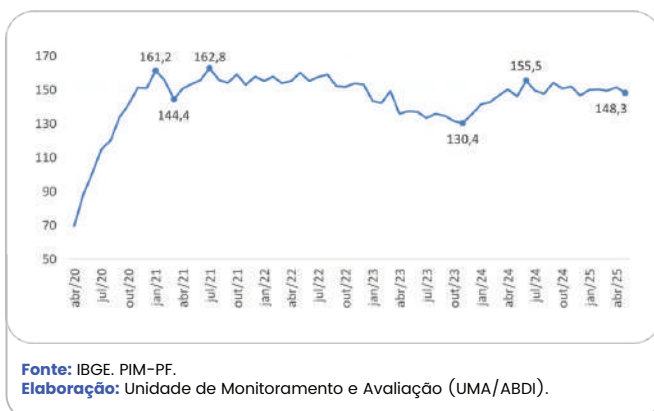
O setor produtor de bens de capital (IBK) se destaca na literatura macroeconômica em função do seu duplo papel: ser produção, gerando emprego e renda, e por sua produção significar nova capacidade produtiva futura nos mais diversos setores econômicos de um país. Assim, seu comportamento é sempre observado de perto, pois os altos e baixos que sofre tendem a refletir-se nas flutuações da renda nacional e no PIB potencial da economia.

O Gráfico 1 oferece um panorama recente da produção geral de bens de capital no país. Fica claro ali que, após a recuperação da crise causada pela pandemia de COVID-19, o setor viu sua produção declinar continuamente até novembro de 2023, recuperar-se rapidamente no primeiro semestre de 2024 e estabilizar-se em torno de 150 pontos ao final de daquele ano e durante os cinco primeiros meses de 2025.

a expectativa dos empresários quanto ao aumento dos custos de financiamentos e às incertezas do cenário internacional. Em outras palavras, mesmo refletindo a manutenção da taxa de investimento em seu ciclo anual, é preciso estar atento se a oscilação negativa é circunstancial ou sinaliza futura desaceleração mais intensa do crescimento do país³.

**Gráfico 1: Produção da indústria bens de capital em geral
abril/2020-maio/2025**

Índice mensal jan/2020=100, dessazonalizado



O resultado negativo de maio negativo (-2,1%), contudo, merece ser acompanhado com atenção, pois pode refletir

Observando outros indicadores, confirma-se, como adiantado pelo Índice ABDI de Sustentabilidade Industrial (ISEI)⁴, que a produção da IBK desacelerou ao longo de 2025. Por exemplo, a variação acumulada em 12 meses, até maio, ainda é 7,9% maior do que nos 12 meses anteriores, até abril, mas foi de 10,6% em março. Se observada a variação acumulada no ano de 2025, comparada ao mesmo período do ano passado, percebe-se que: até março, a produção em 2025 foi 4,5% maior, mas, estendendo até maio, a produção nos cinco primeiros meses não chegou a ser 2% maior. Ou seja, a IBK segue a previsão do ISEI: crescimento significativo em 2024 e desaceleração no primeiro semestre de 2025.

O Gráfico 2 chama a atenção para o comportamento divergente dentro da IBK: foram os equipamentos de transporte industrial⁵ que afetaram negativamente os resultados dos últimos meses.

1 Ver: <https://www.abdi.com.br/wp-content/uploads/2025/05/Conjuntura-Industrial-Final.pdf>.

2 A aceleração inusitada da taxa SELIC, as novas instabilidades globais e o "tarifaço" contra o Brasil imposto pelo governo estadunidense serão analisadas na seção 5.2.

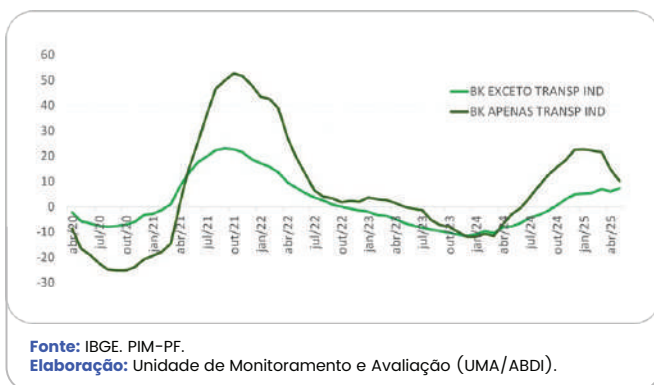
3 A perspectivas para o segundo semestre de 2025 são discutidas na seção 5.

4 Ver https://www.abdi.com.br/wp-content/uploads/2025/05/BOLETIM_ISEI_NI_A_042025-3.pdf.

5 Equipamentos de transporte industrial são, por exemplo, empilhadeiras, esteiras industriais, paletesiras, rebocadores industriais para pátios fabris, guindastes, etc.

Gráfico 2 – Evolução da produção da indústria bens de capital por categoria abril/2020–maio/2025

variação percentual acumulada em 12 meses



Por exemplo, a variação acumulada em 12 meses da produção de bens de capital, exceto para transporte industrial, cresceu desde março de 2024, alcançando seu maior patamar em maio de 2025 (7,2%). Muito diferente é o que se vê para a produção de bens de capital que contempla apenas transporte industrial. Aqui, a desaceleração se inicia em janeiro de 2025 e se torna intensa em abril e maio deste ano. Do mesmo modo, comparando a produção dos meses de março, abril e maio de 2025 com os mesmos meses de 2024, tem-se: -11,6%, -17,2% e -12,6% respectivamente.

Esse resultado tem significado. Em primeiro lugar, indica que as indústrias brasileiras continuam a investir em máquinas para aumentar ou modernizar a produção e, ao mesmo tempo, não estão priorizando a logística (estoques e movimentação de materiais). Para o momento, é possível inferir que a capacidade fabril do país continua a crescer, entretanto, os projetos preveem menor expansão física de armazéns e galpões, forçando, na melhor hipótese, maior eficiência sobre os equipamentos disponíveis. O resultado, porém, preocupa para o médio prazo, pois indica que os níveis de movimentação interno de cargas é considerado adequado, sem pressão sobre os equipamentos instalados. Se o fenômeno refletir expectativas de estabilidade do comércio, não se deve esperar crescimento da produção fabril significativo.

1.2 A indústria de bens intermediários

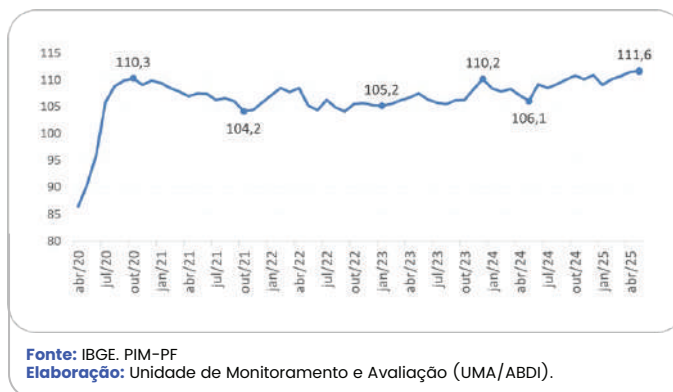
A produção de bens intermediários no Brasil, diferente dos bens de capital, mostra manutenção do crescimento, apesar do resultado fraco em maio de 2025, positivo em apenas 0,1%. O Gráfico 3 deixa ver que desde janeiro de 2023 a produção de insumos cresce no país, apesar das oscilações, conservando o quadro de recuperação iniciado no atual governo.

O movimento é confirmado ao se observar outras variáveis. Por exemplo, a variação acumulada até maio, quando comparada ao mesmo período do ano anterior, mostra claro progresso: em 2023, houve queda de 1,2% na produção de bens intermediários comparada a 2022; em 2024, observou-se crescimento de 2,2% comparado a 2023; e, em 2025, a produção cresceu 2,3% em relação à 2024.

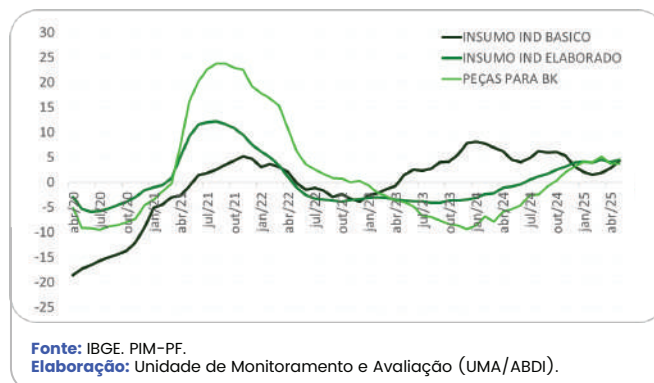
Segmentando o subsetor, nota-se que, entre as categorias analisadas, Insumos industriais básicos⁶, Insumos industriais elaborados⁷ e Peças e acessórios para bens de capital, os resultados também positivos em 2025 (Gráfico 4). No caso dos Insumos industriais básicos, por exemplo, após graves problemas em 2022, a recuperação foi acelerada em 2023, seguida de desaceleração em 2024, mas, de modo surpreendente, acelerou novamente a partir de março de 2025. Isso parece relacionar-se com as especificidades da categoria, pois trata-se de insumos que atendem todas as cadeias industriais, cuja maioria mantém resultados médios positivos em 2025. As outras duas categorias, Insumos

Gráfico 3 – Produção da indústria de insumos intermediários, abril/2020–maio/2025

Índice mensal jan/2020=100, dessazonalizado

**Gráfico 4 – Evolução da produção da indústria bens intermediários por categoria, abril/2020–maio/2025**

variação percentual acumulada em 12 meses



⁶ São produtos intermediários utilizados como matéria-prima ou componentes essenciais em processos industriais, como aço, cimento, plásticos, tecidos crus, produtos químicos, etc.

⁷ Já os Insumos industriais elaborados são itens semiacabados ou componentes mais processados utilizados na produção de bens finais. São, por exemplo, tecidos tingidos e estampados, plásticos já moldados, peças usinadas, vidros temperados e laminados, etc.

industriais elaborados e Peças e acessórios para bens de capital, donas de produtos mais sofisticados e de maior valor agregado por tonelada, apresentaram clara recuperação a partir de 2024 e, como esperado, mantiveram crescimento em 2025, mas a taxas decrescentes.

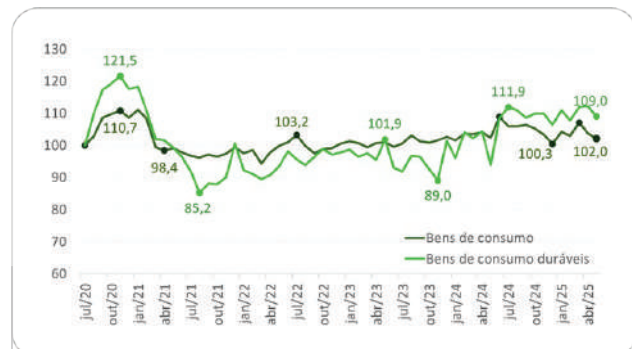
1.3 A indústria de bens de consumo

A produção de bens de consumo é provavelmente o setor que merece mais atenção imediata. O Gráfico 5 mostra que após a acelerada recuperação da crise pandêmica, tanto a indústria de bens de consumo em geral como, mais especificamente, a indústria de bens de consumo duráveis, apresentou intenso declínio entre o final de 2020 e primeiro semestre de 2021. A recuperação, dali em diante, foi lenta e instável, principalmente para os bens de consumo duráveis, itens tipicamente sofisticados, com cadeias industriais mais longas e maior valor agregado.

O sinal amarelo se acendeu, contudo, em meados de 2024, quando observou-se estabilidade na produção de bens de consumo duráveis e tendência de declínio nos bens de consumo em geral.

Gráfico 5 – Produção da indústria de bens consumo e bens de consumo duráveis, julho/2020–maio/2025

Índice mensal jul/2020=100, dessazonalizado



Fonte: IBGE. PIM-PF

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

O significado da luz amarela se intensifica quando analisadas as categorias que compõem a indústria de bens de consumo. A estabilidade observada na produção de bens de consumo duráveis entre julho de 2024 e maio de 2025, por exemplo, não permite, a primeira vista, perceber que, exceto para automóveis de passageiros e equipamentos de transporte não industrial, a fabricação claramente desacelerou. A cada novo mês de 2025, a produção acumulada desde o início do ano diminuiu sua diferença em relação ao mesmo período do ano anterior. Em fevereiro (, acumulando janeiro e fevereiro), a produção era 15,9% maior em 2025, mas em maio a vantagem caiu 8,6%. A variação acumulada em 12 meses (em relação ao período anterior de 12 meses) também mostrou desaceleração, passando de 16,6% em fevereiro para 14,9% em maio.

O fenômeno corrobora a hipótese sobre a produção de bens de capital para transporte industrial e seu recente fraco desempenho. Mais ainda, reforça que questões externas à indústria estão impactando a produção fabril brasileira e reduzindo, em 2025, como esperado, o ímpeto de crescimento verificado em 2024.

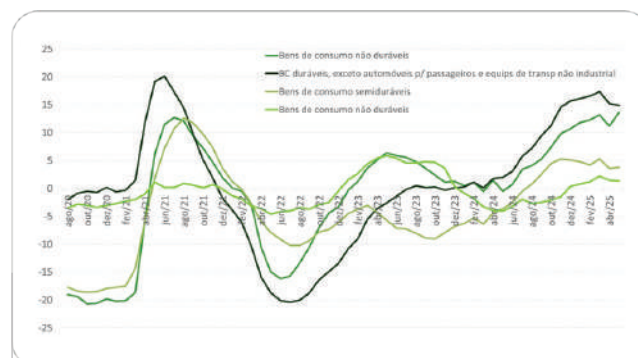
Para os bens de consumo semiduráveis, o movimento é semelhante, todavia, mais visível. A variação acumulada no ano em comparação ao mesmo período do ano anterior está negativa desde janeiro de 2025, perfazendo um resultado médio de 1,5% menor. Naturalmente, a variação acumulada em 12 meses em relação ao período anterior de 12 meses mostrou tendência declinante a partir dezembro de 2024 (Gráfico 6).

Com diferença apenas de intensidade, a produção de bens de consumo não duráveis também apresentou, em abril de 2025 (-0,8%) e maio de 2025 (-0,7%), queda na produção acumulada no ano em comparação ao mesmo período do ano passado. Números que aconteceram após a fraca recuperação nos últimos meses de 2024. Esse resultado puxou a diferença na variação acumulada em 12 meses em relação ao período anterior de 12 meses para baixo, caindo de 2,2% em março de 2025 para 1,4% em maio de 2025 (Gráfico 6).

Assim, ao longo do 2024, a indústria de bens de consumo apresentou recuperação e mesmo um pequeno crescimento em algumas atividades, mas as dificuldades — taxa básica de juros elevadas, agravamento da inadimplência nos contratos de crédito e a lenta recuperação do poder de compra dos salários — impactaram a demanda e refletiram-se na produção, exceto automóveis e equipamentos de transporte não industrial.

Gráfico 6 – Produção da indústria de bens consumo e bens de consumo duráveis, julho/2020–maio/2025

variação percentual acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE. PIM-PF.

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

A luz amarela foi acesa, portanto, em razão de a produção de bens de consumo ser impactada diretamente pelo volume esperado da demanda, isto é, o desempenho observado indica que os empresários não acreditam em aumento significativo do consumo no país nos próximos meses. O motivo está, provavelmente e mais uma vez, na taxa básica de juros elevadas, na inadimplência nos contratos de crédito e na lenta recuperação da renda do trabalho. Para agravar o quadro, a China redirecionou, para o Brasil, parte de sua produção ameaçada por tarifas estadunidenses. Em junho, verbi gratia, a participação do gigante asiático na pauta de importações do país alcançou 26%, distante dos 16% dos Estados Unidos.

1.4 A indústria de transformação e setores em destaque

Tomada integralmente, o desempenho da indústria de transformação necessariamente reflete o comportamento de suas categorias componentes. O Gráfico 7, por exemplo, deixa poucas dúvidas quanto a recuperação do setor fabril brasileiro a partir de 2023, fruto da nova política macroeconômica iniciada pelo atual governo. Em função de eventos desfavoráveis, externos ao setor e agravadas desde o final de 2024 — taxa básica de juros elevadas, guerras que desestabilizam rotas e fornecedores e ameaças crescentes de guerra tarifária por parte dos Estados Unidos —, o horizonte nublou-se e interferiu no movimento ascendente da indústria de transformação.

Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI)⁹ reforçam que a desaceleração no crescimento da produção fabril pouco responde a problemas no setor. Por exemplo, os dados da última Sondagem Industrial mostram que o nível de utilização da capacidade instalada segue o ciclo anual normal, até mesmo um pouco acima dos anos anteriores e o nível de estoques ficou um pouco abaixo do planejado em junho. Já o coeficiente de penetração das importações continuou a crescer e na indústria de transformação subiu de 21,9% em 2020 para 25,5% em 2023, enquanto veículos automotores passaram de 11,2% em 2020 para 22,3% em 2023. A taxa de juros, por sua vez, ocupou a segunda posição na preocupação dos empresários industriais (atrás apenas da carga tributária)¹⁰. Além disso, a inflação, marcadamente a de alimentos, voltou a corroer a renda do trabalho e a gerar expectativas de maior aperto monetário.

Observa-se na Tabela 1 que foram os setores geradores de menor valor agregado os que obtiveram melhor resultado no começo de 2025. Exatamente o oposto do desempenho dos setores de maior valor agregado. Não deve espantar, portanto, que a indústria de transformação brasileira tenha apresentado resultado aquém do esperado nos cinco primeiros meses de 2025.

Além disso, números da FGV apontam que as compras de bens de consumo duráveis de origem chinesa cresceram 12% no primeiro semestre de 2025 em relação ao mesmo período do ano passado⁸.

Por tudo isso, o momento exige atenção em três frentes envolvendo a indústria de bens de consumo brasileira: a) a insólita taxa de básica de juros brasileira e a elevação da inadimplência; b) o nível de renda dos trabalhadores brasileiros (consumidores), questão já identificada no Boletim Conjuntura Industrial anterior ao discutir o setor de serviços; e c) a competição pouco leal envolvendo as indústrias de transformação chinesa e brasileira.

Gráfico 7 – Produção da indústria de transformação, agosto/2020-maio/2025

Índice mensal jul/2020=100, dessazonalizado

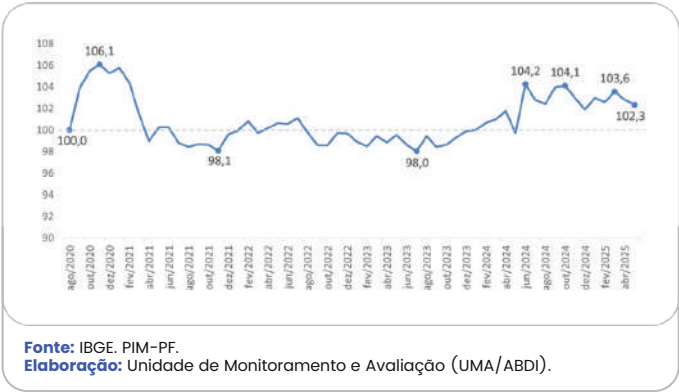


Tabela 1 – Variação da produção setorial entre janeiro e maio de 2025 em percentual

Sector	Categoria*	Valor agregado	Variação da produção
Indústrias de transformação	Variado	Variado	-0,6%
Fabricação de produtos alimentícios	BCND	Baixo	0,6%
Fabricação de produtos têxteis	BI	Baixo	3,1%
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	BCSD	Médio	2,1%
Fabricação de produtos químicos	BI	Alto	1,1%
Fabricação de produtos farmacêuticos e farmoquímicos	BI/BCND	Alto	-7,3%
Fabricação de máquinas e equipamentos	BK	Alto	-1,6%
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	BCD	Alto	-1,9%

*BK = bens de capital; BI = bens intermediários; BCD = bens de consumo duráveis; BCSD = bens de consumo semiduráveis; e BCND = bens de consumo não duráveis.

Fonte: IBGE. PIM-PF.
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

8 Ver <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/07/produto-chines-bate-recorde-e-ja-representa-26-das-importacoes-do-brasil.shtml>

9 Ver: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/3f/af/3faf56ef-2293-4395-861c-c973a97b9b66/sondagemindustrial_junho2025.pdf.

10 Os dados da pesquisa da CNI são anteriores ao "tarifaço", imposto pelo governo estadunidense.

2 Mercado de Trabalho

O mercado de trabalho brasileiro continua refletindo a trajetória positiva da atividade econômica, mesmo diante dos desafios internos e externos. É interessante, inclusive, observar que o desempenho moderado da indústria de transformação ainda não alterou a tendência positiva de geração de postos de trabalho, formais e informais, o que derrubou a taxa de desocupação no segundo semestre de 2025.

2.1 Resultados do mercado de trabalho

Os dados recentes refletem esse movimento dinâmico, principalmente quando se associa à expansão da população ocupada e à queda da taxa de desocupação a níveis historicamente baixos. Como ilustra o gráfico abaixo, a taxa de desocupação do país no primeiro trimestre de 2025 alcançou 7,0%, ou seja, um crescimento de 0,8 ponto percentual (p.p.) frente ao trimestre anterior (outubro a dezembro/2024). Contudo, no 2º trimestre de 2025, a taxa de desocupação caiu para 5,8%, atingindo o menor patamar da série histórica, como ilustra o Gráfico 8.

Não obstante o leve aumento verificado no 1º trimestre de 2025, considerado uma flutuação sazonal, típica de um período marcado pelo término dos contratos temporários para o fim de ano, no trimestre de abril a junho de 2025, o índice apresentou queda de 1,2 ponto percentual, em relação ao trimestre anterior (7,0%) e recuo de 1,1p.p. na comparação com o mesmo período de 2024. Com isso, a taxa de desocupação retomou sua trajetória descendente, reforçando a tese de um ambiente de estabilidade no mercado de trabalho brasileiro.

Outro indicador importante é a taxa de participação na força de trabalho, isto é, o percentual da força de trabalho em relação à população em idade de trabalhar em determinado período. Refere-se, portanto, à soma de todas as pessoas em idade ativa que trabalham e que estão desempregadas. Altas taxas indicam que muitas pessoas estão engajadas no mercado de trabalho, seja empregada, seja em busca de emprego; baixas taxas podem indicar desestímulo na busca por emprego, aumento de aposentados dentro da idade ativa, entre outros fatores.

O gráfico a seguir demonstra que a taxa tem se mantido estável, em torno dos 62%, ao longo de 2023 e 2024. Houve um leve recuo no 1º trimestre de 2025, em comparação com o trimestre anterior, provavelmente relacionado a fatores sazonais, como o fim dos trabalhos temporários, mas no 2º trimestre de 2025 retoma-se a curva ascendente, mostrando que há tendência de estabilização.

Gráfico 9 – Taxa de Participação da Força de Trabalho, 1ºTri/2020 a 2ºTri/2025 (%)
em percentual

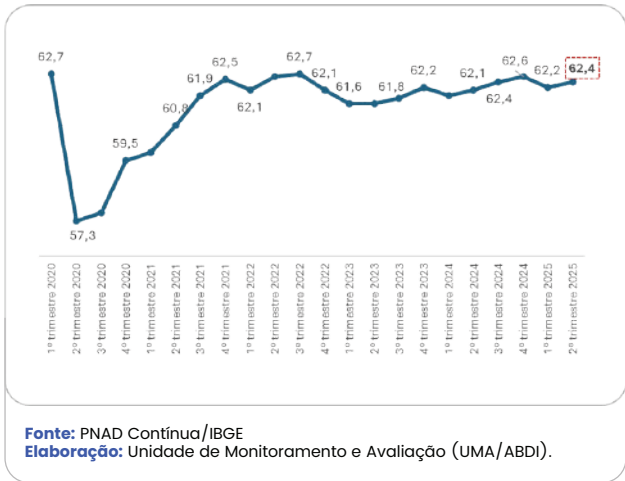
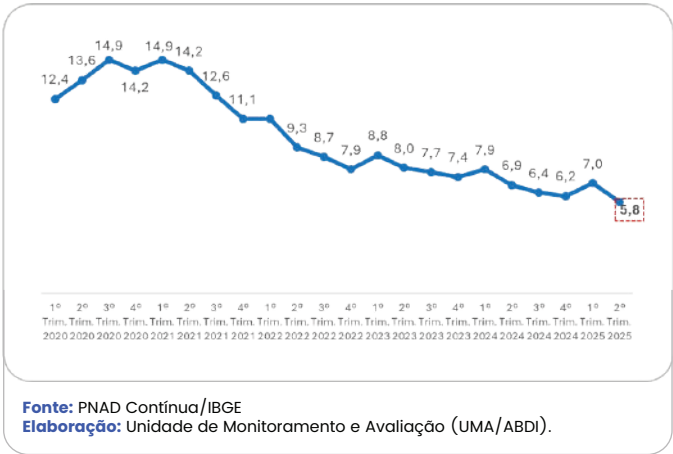


Gráfico 8 – Taxa de desocupação, 1ºTri/2020 a 2ºTri/2025
em percentual



Esse resultado reforça a tese de que, até o final do primeiro semestre de 2025, prevaleceu uma maior confiança na economia, com mais pessoas dentro do mercado de trabalho, ou buscando oportunidades. Afinal, a combinação de alta taxa de participação e baixa taxa de desocupação reflete um quadro bastante positivo, indicando que há uma maior poder de compra disponível, o que estimula o consumo, impulsionando a economia como um todo.

Monitorar esses dois indicadores é fundamental para a implementação mais eficaz de políticas econômicas, como a Nova Indústria Brasil (NIB). Pela análise da alta taxa de participação e baixa taxa de desocupação é possível verificar que a economia está gerando ocupações suficientes para absorver a mão de obra disponível. Assim, outro elemento a ser observado é o rendimento médio real de todos os trabalhos, medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que reflete o poder de compra dos trabalhadores e o bem-estar econômico da população.

Os dados apontam uma trajetória de crescimento ao longo dos trimestres de 2023 e 2024, com uma variação de R\$ 3.000,00, no 2º trimestre de 2022, para R\$ 3.477,00, no 2º trimestre de 2025, um salto de 15,9% nesse período, refletindo, a recuperação do poder de compra economia, mesmo em face da alta taxa de juros interna, dos conflitos geopolíticos e da política comercial estadunidense, que afetam sobremaneira a cadeia de suprimentos globais (Gráfico 10). Esse crescimento contínuo, portanto, é um sinal positivo para o mercado de trabalho e economia em geral.

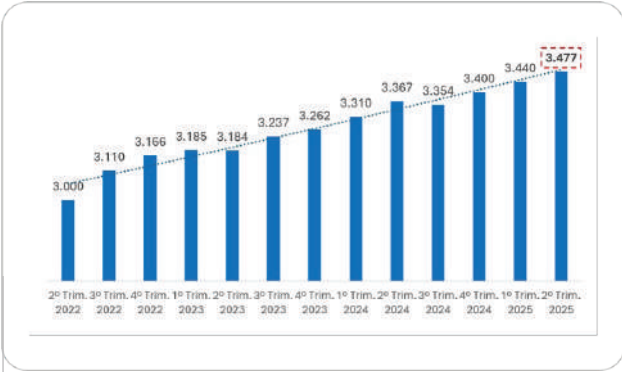
Conforme indicamos no **Boletim Conjuntura Industrial n. 1**, mantemos a nossa projeção de que o rendimento médio real dos trabalhadores brasileiros, em 2025, será influenciado positivamente por uma combinação de crescimento econômico moderado, controle inflacionário e avanços da atual política industrial. É provável que o recente “tarifaço” de 50% dos produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos, como anunciou o presidente daquele país, possa trazer freios à economia brasileira, mas a análise desses impactos será objeto das próximas edições deste Boletim.

Como visto acima, e reforçando a projeção positiva do mercado de trabalho, percebe-se uma evolução sensível entre os resultados obtidos no 2º trimestre de 2025, em comparação com igual período do ano anterior, como se observa na Tabela 2, a seguir.

A taxa de participação da força de trabalho manteve-se estável, porém, combinada a uma taxa de desocupação histórica de 5,8% e a um importante aumento no rendimento médio real, reforça a interpretação de que a economia se mantém em crescimento e, sobretudo, recoloca a hipótese de possível redução da desigualdade, com o avanço no poder de compra da população ocupada e melhora no bem-estar econômico.

É importante destacar que esses sinais positivos do mercado de trabalho brasileiro também são reforçados pelos resultados obtidos no Novo CAGED sobre o estoque de emprego e saldo de emprego. O primeiro indicador representa o número total de pessoas empregadas em um determinado momento, indicando a capacidade de a economia gerar empregos e permite analisar no longo prazo a evolução do mercado de trabalho; o segundo indicador representa a diferença entre o número de admissões e de demissões em um determinado período, permitindo uma análise de curto prazo da dinâmica das mudanças no mercado de trabalho.

Gráfico 10 – Rendimento Médio Real de todos os trabalhos, 1º Trim/2022 a 2º Trim/2025
em R\$



Fonte: PNAD Contínua/IBGE
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Tabela 2 Indicadores de Emprego e Renda, 2º Trimestre 2024 e 2025

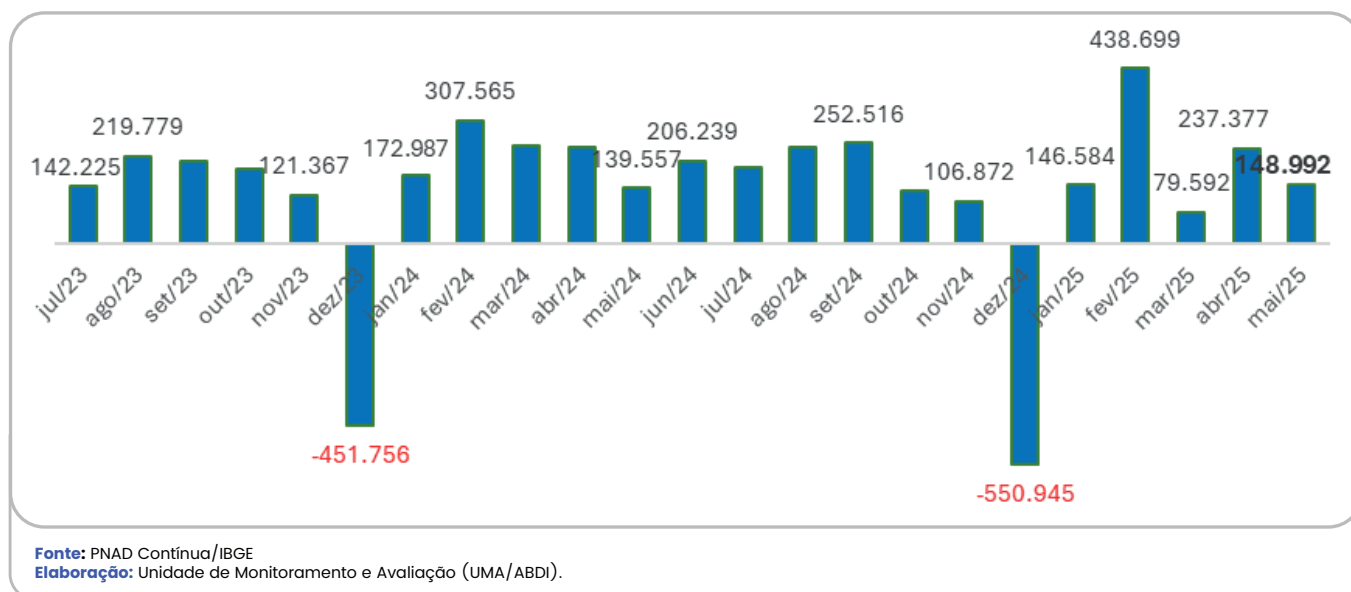
Período	Abril Maio Junho	Abril Maio Junho
Indicador	2025	2024
Taxa de desocupação	5,8%	6,9%
Taxa de participação da força de trabalho	62,4%	62,2%
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos	R\$ 3.477,00	R\$ 3.367,00

Fonte: PNAD Contínua/IBGE
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

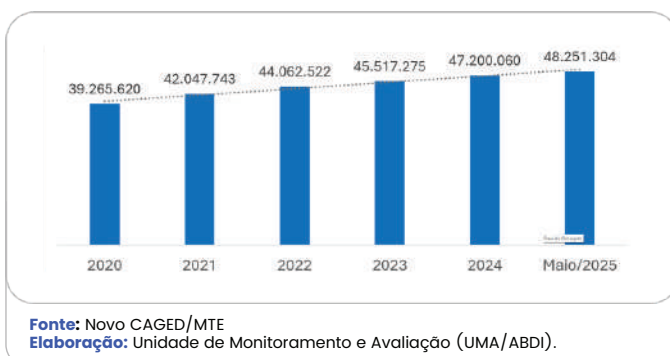
Ao analisá-los, a partir dos gráficos seguintes, verifica-se que todos os setores da economia apresentaram saldo positivo de 148.992 empregos formais, em maio de 2025 (Gráfico 11) com destaque para os de comércio e serviços que, tradicionalmente lideram a geração de emprego. Com isso, o estoque total de empregos com carteira assinada alcançou a marca histórica de 48,3 milhões de postos de trabalho (Dados do Novo CAGED), como se vê no Gráfico 12 a seguir.

Gráfico 11 – Saldo de Emprego, julho/2023 – maio/2025

em unidades de posto de trabalho

**Gráfico 12 – Estoque de Emprego (todos os setores), 2020 a Maio/2025**

em unidades de posto de trabalho

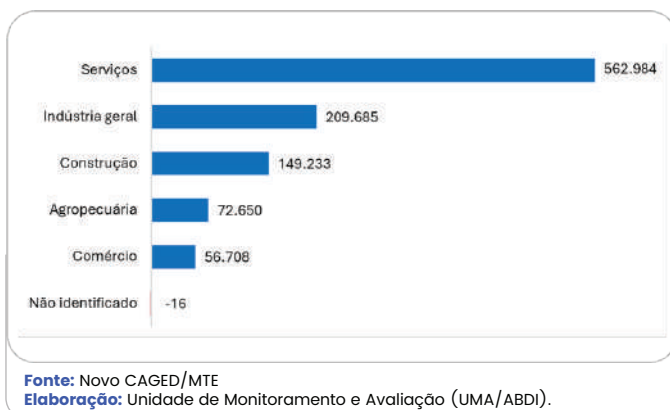


No saldo de empregos (Gráfico 11), somente o setor de serviços foi responsável por 70.139 postos de trabalho, representando 47,1% do saldo de emprego no período. Os segmentos que mais contribuíram para a geração de empregos formais foram os serviços privados não financeiros (682 mil empregos) e os serviços voltados para as famílias (alimentação, cuidados pessoais, lazer), com mais de 118 mil empregos.

Se observado o acumulado do ano (janeiro a maio de 2025), Serviços obteve um saldo de 562.984 postos, e o setor industrial 209.685 postos (Gráfico 13).

Gráfico 13 – Saldo de Emprego por Grande Grupamento de Atividade Econômica, janeiro a maio/2025

em unidades de posto de trabalho



Como visto no Boletim Conjuntura Industrial n. 1, a atuação do Governo Federal, por meio de políticas públicas e programas de qualificação e estímulo à contratação, teve papel importante nos resultados na criação de emprego. Nesse sentido, a NIB impulsionou o financiamento para indústria de R\$ 611,0 bilhões, até 2026, e por investimentos anunciados pelo setor produtivo, na ordem de R\$ 2,3 trilhões, impactando a demanda por trabalhadores. A economia brasileira tem, por tudo isso, demonstrado capacidade sólida de gerar empregos e, consequentemente, mantemos a projeção de vigor para o mercado de trabalho para o ano de 2025, que já atingiu mais de um milhão de saldo de emprego, no período de janeiro e maio de 2025.

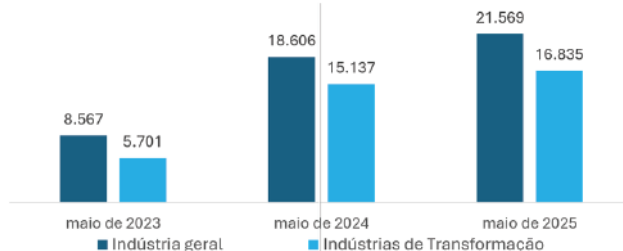
Portanto, os dados expressivos, mais uma vez, mostram que os resultados obtidos no ano de 2024 e nos cinco meses de 2025 retratam a recuperação gradual e sólida da atividade econômica do país, e a capacidade de o Estado estimular o setor produtivo a gerar emprego, por meio da implementação de políticas e programas.

Na seção seguinte, analisaremos como foi a evolução desses indicadores de emprego na indústria de transformação.

2.2 Emprego & Renda na Indústria

O bom desempenho dos indicadores de emprego também se confirmou no setor industrial, visto que, em maio/2025, segundo o Novo CAGED, a indústria geral registrou um saldo positivo 21.569 empregos formais, representando um aumento de 15,92% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Esse aumento foi estimulado fortemente pela indústria de transformação, que obteve um saldo de 16.835 empregos, sendo que, de janeiro a maio de 2025, o saldo foi de 191.449 novos postos de trabalho (Gráfico 14).

Gráfico 14 – Saldo de Emprego na Indústria Geral e na Indústria de Transformação, maio de 2023, 2024 e 2025
em unidades de posto de trabalho

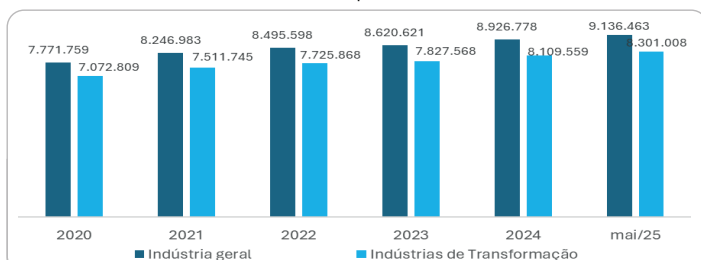


Fonte: Novo CAGED/MTE

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Os resultados verificados no saldo de emprego da indústria geral e da indústria de transformação são espelhados com os do estoque de emprego. Em maio de 2025, alcançou-se o maior estoque de empregos formais da história na indústria de transformação, com 8,3 milhões de postos de trabalho (Gráfico 15).

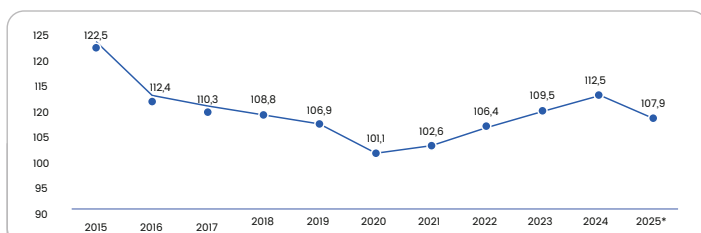
Gráfico 15 – Estoque de Emprego na Indústria Geral e na Indústria de Transformação, 2020– Maio/2025
em unidades de posto de trabalho



Fonte: Novo CAGED/MTE

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Gráfico 16 – Indicador de Massa Salarial (média anual), 2015 a maio de 2025
Índice média 2006=100

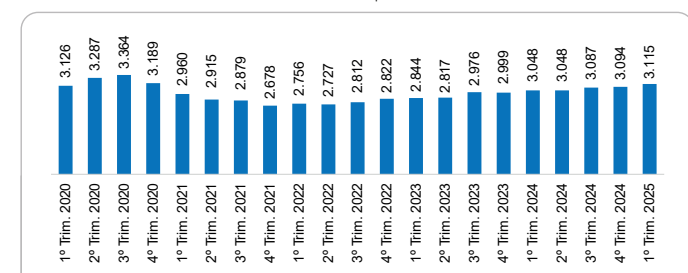


*Nota: Referente a maio de 2025

Fonte: Novo CAGED/MTE

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Gráfico 17 – Rendimento Médio Real na Indústria de Transformação, 1º Tri/2020 ao 1º Tri/2025
Em R\$



Fonte: Novo CAGED/MTE

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Outro importante indicador a ser observado é o Indicador da Massa Salarial, da CNI. Ele mede o valor total pago em salários (massa salarial real) aos trabalhadores da indústria de transformação, corrigido pela inflação. Logo, permite-nos analisar o dinamismo do mercado de trabalho industrial e o poder de compra dos trabalhadores do setor.

O Boletim Conjuntura Industrial n. 1 trouxe o Indicador da Massa Salarial referente a janeiro de 2025 com 109,0 pontos. Agora em maio, como alertou a CNI, verifica-se uma queda para 107,9 pontos, devido a uma redução na demanda por produtos industriais, uma queda no faturamento e, consequentemente, na receita das empresas, o que pressiona os salários e a massa salarial, como se vê no gráfico a seguir (Gráfico 16).

Deve-se levar em conta também que a utilização da capacidade instalada (UCI) está em um nível abaixo do ideal, em torno de 78,5%, refletindo uma demanda insuficiente para ativar toda a estrutura produtiva e expandir a produção e a remuneração.

Movimento semelhante é verificado no rendimento médio real na indústria de transformação. Em 2024, esse indicador teve um desempenho estável durante os quatro trimestres. Já no 1º trimestre de 2025, o indicador apresentou um leve aumento 0,7% em relação ao trimestre imediatamente anterior, e de 2,2% em comparação com o 1º trimestre de 2024, mostrando que há uma influência da política governamental de valorização salarial (Gráfico 17).

Entende-se que, entre 2023 e maio de 2025, esses resultados na indústria de transformação foram influenciados por uma combinação de fatores, dos quais cabe destacar: a) o crescimento da produção industrial que, em 2024, cresceu 3,1%, e abrangeu os segmentos de bens de capital, bens duráveis e não-duráveis; b) o aumento do consumo das famílias, graças ao aumento da renda e maior concessão de crédito, que impulsionou o consumo interno; e c) a implementação da Nova Indústria Brasil (NIB), que tem direcionado ações robustas para modernizar e adensar o parque industrial brasileiro, estimular a inovação e promover a transição verde, o que tende a gerar empregos qualificados, como o recorde histórico de financiamento em infraestrutura e inovação, graças ao BNDES, FINEP e programas federais.

Por outro lado, continuamos a considerar que a manutenção de alta taxa de juros referencial, que impacta nas previsões de investimento das empresas, e as fortes incertezas que o “tarifaço do Trump”, isto é, a medida anunciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que impõe tarifas de até 50% sobre produtos brasileiros exportados para os EUA, com início previsto para 1º de agosto de 2025, poderá afetar a produção e exportação de produtos industriais brasileiros, reduzindo a demanda e, consequentemente, impactando o emprego em diversos setores industriais, como o de alimentos, aeronaves, combustíveis, móveis e químicos. O impacto desses importantes fatores poderá ser capturado no próximo Conjuntura Industrial, ao se analisar o 3º trimestre de 2025.

3 Resultados do dispêndio, créditos e juros

Os resultados mais recentes das pesquisas de comércio e de serviços do IBGE indicam que os dois setores mantêm crescimento relevante em 2025. Até maio, ambos os setores acumulam variações positivas no volume de produção/vendas. Esta seção analisa o desempenho do comércio varejista (Pesquisa Mensal do Comércio – PMC) e do setor de serviços (Pesquisa Mensal de Serviços – PMS), destacando separadamente os resultados na comparação mensal (mês contra mês anterior) e no acumulado do ano. Além disso, discute-se o contexto macroeconômico, em especial o comportamento do consumo das famílias,

crédito, taxa de juros e inflação, para compreender os fatores que influenciam esses resultados.

Apesar do ambiente de juros elevados em 2025 – com a taxa básica (Selic) atingindo 15,00% a.a. em junho de 2025, o maior patamar desde 2006 – o consumo das famílias vem mostrando resiliência. O aumento da massa salarial e do emprego nos últimos meses, combinado à expansão do crédito, tem sustentado a demanda interna. Contudo, o custo do crédito em alta tende a frear especialmente o consumo de bens duráveis ao longo do ano, que dependem mais de financiamento.

3.1 Comércio Varejista – Resultados da PMC

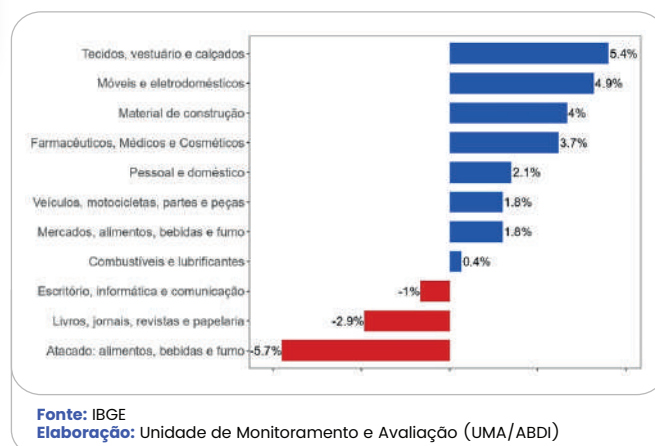
A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) monitora o volume de vendas do comércio varejista nacional, incluindo o varejo restrito¹¹, e o varejo ampliado¹². A seguir estão apresentados os resultados de maio de 2025, tanto em comparação ao mês anterior quanto no acumulado do ano, ressaltando os setores com melhor e pior desempenho.

3.1.1 Desempenho Acumulado em 2025 (Janeiro–Maio)

No acumulado de janeiro a maio de 2025, o comércio varejista apresentou crescimento real +2,2% no volume de vendas em comparação ao mesmo período do ano anterior. Ou seja, houve considerável expansão real das vendas. No varejo ampliado, o acumulado de 2025 apresenta alta menor, de +1,1%. Tal diferença se deve principalmente à inclusão do segmento de atacado de alimentos, bebidas e fumo que teve

queda acentuada, com cerca de -5,7% no volume no ano, atuando como freio para o indicador ampliado (Gráfico 18). Esse número deve ser acompanhado, pois associa-se às observações feitas na seção I sobre o desempenho preocupante da indústria de bens de consumo não duráveis.

Gráfico 18
Crescimento do Comércio Varejista Ampliado, 2025



¹¹ Inclui hipermercados e supermercados, lojas de artigos domésticos, vestuário e calçados, farmácias e perfumarias, combustíveis e lubrificantes (postos de gasolina) e veículos, motos e peças (somente vendas em concessionárias).

¹² Inclui todo o comércio varejista e, também, atividades que vendem ao consumidor final, mas possuem características específicas. Por exemplo, oficinas e serviços mecânicos para veículos, motos e peças, varejo de materiais de construção e comércio atacadista que vende diretamente ao consumidor (os chamados atacarejos como Atacadão, Sam's Club e outros)

Fatores como a elevação da renda e o nível de concessão de crédito ainda alto (embora a Taxa Selic esteja em surpreendentes 15% ao ano) impulsionaram o desempenho positivo do comércio em 2025. Os resultados apontam, portanto, para a resiliência do consumo.

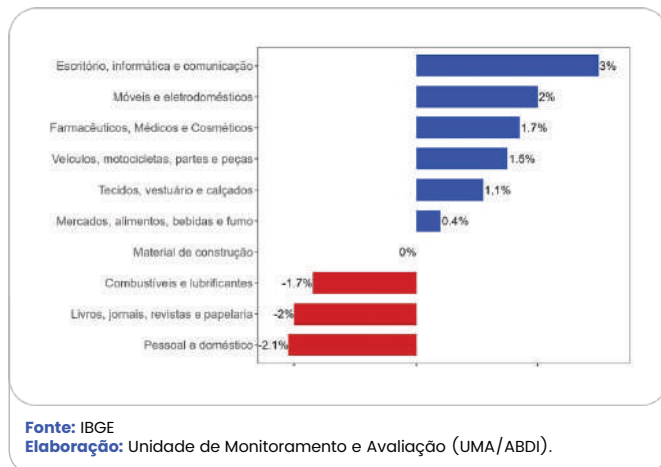
Ainda, a queda do dólar ocorrida desde fevereiro contribuiu para a melhora do comércio de produtos importados, inclusive veículos, motocicletas, partes e peças, mitigando a queda de desempenho em equipamento e materiais para escritório, informática e comunicação, que mesmo assim, apresentou bom desempenho em relação ao mês imediatamente anterior.

3.1.2 Variação Mensal Maio de 2025 vs Abril de 2025

Em maio de 2025, o volume de vendas do varejo recuou -0,2% em relação a abril, considerando a série com ajuste sazonal. Esse foi o segundo mês seguido de leve variação negativa (em abril, o varejo já havia caído -0,3% frente a março). Por outro lado, o varejo ampliado apresentou crescimento de +0,3% em maio ante abril. Ambos resultados indicam uma estabilidade no curto prazo.

Mesmo com variação agregada próxima da estabilidade, houve comportamentos divergentes entre os diferentes ramos do varejo. Dos 11 grupos pesquisados no comércio varejista ampliado, seis registraram aumento no volume de vendas em maio, enquanto três mostraram queda, conforme Gráfico 19:

Gráfico 19 – Crescimento do Comércio Varejista Ampliado, maio/2025 vs. abril/2025



Em resumo, maio mostrou um quadro de estabilidade no varejo, onde ganhos em setores como móveis /eletrodomésticos e supermercados foram compensados por perdas em combustíveis e outros itens. Esse comportamento sugere que os consumidores, embora pressionados pelo crédito caro, continuam consumindo bens ligados à melhora de renda. Essa estabilidade também é notada após a série histórica atingir seu pico de máximo em março (Gráfico 20):

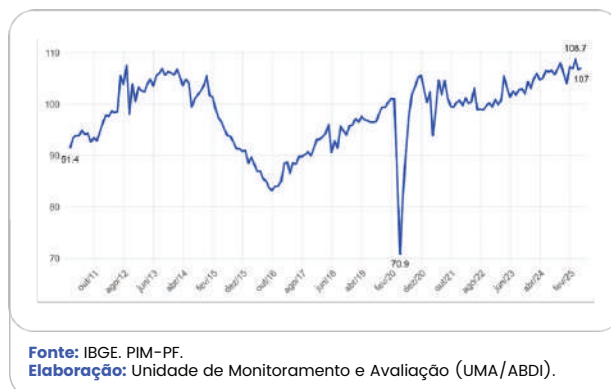
Ademais, pode-se destacar o desempenho dos Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria que, além do bom desempenho em 2025, a expansão se dá sem interrupção há mais de dois anos. Além dos motivos elencados previamente, a maior preocupação com saúde e o envelhecimento populacional ajudam a impulsionar o setor.

Pode-se destacar também o subsetor de Mercados, alimentos, bebidas e fumo – o maior peso do varejo – que subiu +1,8% no acumulado, acompanhando a evolução da massa salarial. Por sua vez, Livros, jornais, revistas e papelaria apresentaram perdas de -2,9% até maio, prolongando a tendência de queda estrutural diante da migração para os meios digitais.

Observa-se que bens de consumo essencial ou semiduráveis (como alimentos em supermercados, artigos farmacêuticos e vestuário) tiveram leve alta em maio, possivelmente sustentados pela renda ainda em crescimento, uma performance que deve ser acompanhada pari passu com a produção de bens de consumo não duráveis tal como observado na seção 2.3.

No varejo ampliado, o destaque positivo em maio foi o ramo de veículos, motos, partes e peças, com aumento de +1,5% sobre abril, sinalizando certa recuperação nas vendas de automóveis após quedas em meses anteriores. Já as vendas de materiais de construção mantiveram-se estáveis (0,0%) na passagem mensal, o que reafirma a desaceleração prevista no Boletim Conjuntura Industrial n.1.

Gráfico 20 – Crescimento do Comércio Varejista Ampliado, dez/2010–maio/2025



3.2 Setor de Serviços

Resultados da PMS

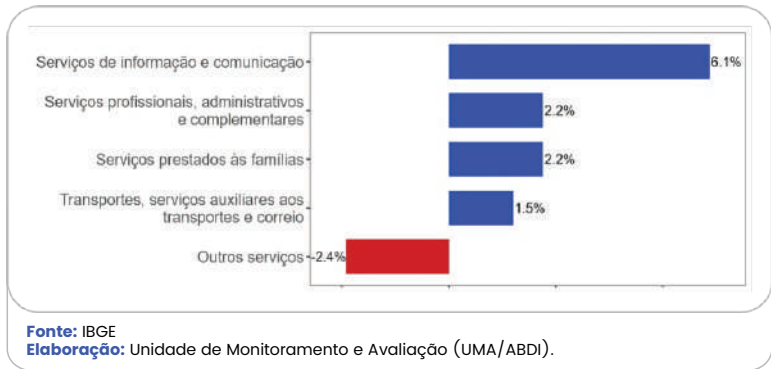
A Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) acompanha o desempenho do setor de serviços, que abrange diversas atividades desde transporte, serviços às famílias (como hospedagem e alimentação fora do domicílio), serviços de informação e comunicação, serviços profissionais e outros. Em 2025, o setor de serviços consolidou a recuperação pós-pandemia, atingindo níveis recordes de atividade. A seguir detalhamos os resultados mais recentes, separando a análise da variação mensal de maio e do acumulado no ano.

3.2.1 . Desempenho Acumulado em 2025

Janeiro–Maio

Nos primeiros cinco meses de 2025, o setor de serviços acumula crescimento de +2,5% em volume. Esse resultado consolida a trajetória de retomada: na comparação interanual mais recente, maio de 2025 contra maio de 2024 houve expansão de +3,6% – a 14ª taxa positiva consecutiva nessa base anual. Já o indicador de 12 meses mostra alta de +3,0%, com aceleração frente ao ritmo observado no fechamento de abril (que era +2,7%). Ou seja, o setor não apenas mantém crescimento, como demonstra um ligeiro ganho de dinamismo no acumulado anual recente. Dos cinco grandes grupos de atividades pesquisados, quatro apontam variações positivas no ano (Gráfico 21):

Gráfico 21
Crescimento das atividades de Serviços: Acumulado em 2025



Os Serviços de informação e comunicação é o ramo de maior destaque e crescimento dentro dos serviços. Acumula +6,1% de expansão no ano até maio. A tecnologia de informação e comunicação (TIC) tem impulsionado esse resultado: o aumento da receita de serviços de internet, desenvolvimento de software, hospedagem de dados e consultoria em TI contribuiu significativamente para o avanço do volume de serviços de informação e comunicação. Esse setor mantém desde o ano passado um ritmo robusto de alta, refletindo a transformação digital e a demanda crescente por serviços de TI e telecomunicações.

Por sua vez, Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, apresentou crescimento moderado 1,5% no acumulado do ano. O desempenho se deve a comportamentos distintos dentro do segmento: o transporte de passageiros vem se recuperando fortemente (impulsionado pela aviação civil e logística de turismo), mas o passo que o transporte de cargas mostrou quedas em alguns meses recentes assinalando desaceleração no crescimento econômico e na produção industrial. Apesar disso, o fluxo de caminhões nas rodovias brasileiras cresceu nos últimos 12 meses 3,1% e 2,2% no acumulados do ano, segundo o Índice ABCR¹³. Ainda, Serviços profissionais, administrativos e complementares registrou +2,2% de crescimento acumulado no ano se beneficiado da retomada de investimentos e do ambiente de negócios mais favorável em 2025, sustentando a alta do segmento.

Já os Serviços prestados às famílias, como já discutido no Boletim Conjuntura Industrial n. 1, mostrou desaceleração em relação as taxas observadas em 2024. Por exemplo, o volume acumulado de serviços prestados, em 2025, foi +2,2% maior do que o observado no mesmo período do ano passado. A taxa é, porém, significativamente menor, sob o mesmo critério, do que aquela observada na comparação entre 2024 e 2023 (+4,7%). O mesmo se observa na variação da produção acumulada em 12 meses. Nos doze meses terminados em maio de 2025, houve variação positiva de +3,5% na produção. Chama a atenção, entretanto, quando observada a variação acumuladas em 12 meses desde 2023, que essa taxa apresenta evidente declínio.

Não é coincidência que as duas últimas comparações mês contra mês anterior, em abril e maio de 2025, as taxas foram negativas para os Serviços prestados às famílias (-0,2% e -0,6%, respectivamente). Esse grupo – que inclui serviços de alojamento (hotéis) e alimentação (restaurantes), além de outros serviços pessoais – foi duramente afetado na pandemia e vem sustentando seu desempenho nos serviços de hotelaria, de restaurantes e de buffet/alimentação coletiva. Os números, portanto, são positivos para o ano de 2025, mas as taxas estão desacelerando, refletindo provavelmente desafios semelhantes aos apontados para o setor industrial, somados à renda do trabalho ainda em recuperação após a crise de 2015-16 e a pandemia.

13 Ver: <https://melhoresrodovias.org.br/indice-abcr/#::-text=O%20C3%8Dndice%20ABCR%20C3%A9%20calculado,grande%20relev%C3%A2ncia%20como%20indicador%20econ%C3%B4mico>.

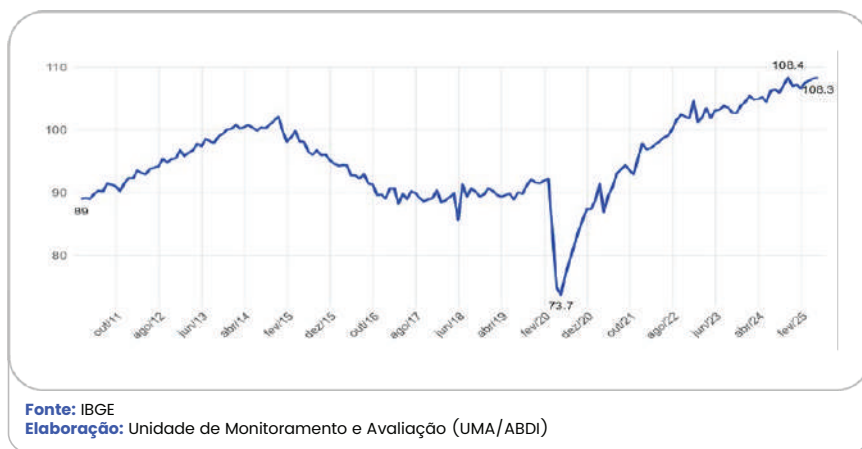
Em relação à categoria de Outros serviços, foi único dos grandes grupos onde houve desempenho negativo, acumulando -2,4% no ano até maio e -1,4% em 12 meses. Essa categoria engloba diversos serviços não incluídos nos grupos anteriores, como financeiros auxiliares, imobiliários, manutenção, etc. Esse subsetor tem sido pressionado por retração significativa nos serviços financeiros auxiliares, gestão de fundos e corretagem de seguros, o que impactou negativamente o índice.

3.2.2 Variação Mensal (Maio de 2025 vs Abril de 2025)

No mês de maio de 2025, o volume de serviços prestados no Brasil variou +0,1% frente a abril, já descontados os efeitos sazonais. Esse foi o quarto mês consecutivo de crescimento. Com esse resultado, o índice de volume de serviços praticamente alcançou o ponto mais alto da série histórica, nivelando-se ao recorde registrado em outubro de 2024. Vale notar que o setor opera atualmente cerca de 17,5% acima do nível pré-pandemia (fev/2020), evidenciando a plena recuperação e expansão além da perda ocorrida em 2020 (Gráfico 22).

Gráfico 22 – Crescimento do setor de Serviços, janeiro/2011 – maio/2025

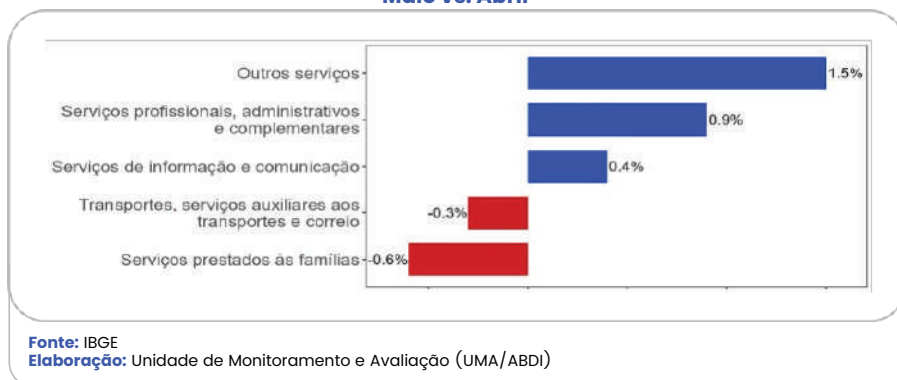
Índice 2022=100



Apesar da quase estabilidade no agregado de serviços em maio, houve importantes diferenças setoriais, com destaque para Outros serviços recuperando parte de suas perdas, em linha com o esperado para o desempenho da atividade para os próximos meses (Gráfico 23):

De maneira geral, maio foi marcado por uma leve alta no setor de serviços, mantendo a sequência de resultados positivos. O ganho modesto, puxado por serviços profissionais e de informação, foi quase compensado por pequenas perdas em transportes e serviços às famílias. Importante destacar que mesmo esses segmentos com queda mensal mantêm tendência de alta no acumulado.

Gráfico 23 – Crescimento das atividades do Comércio Varejista Ampliado: Maio vs. Abril



3.3 Consumo das Famílias, Crédito e Juros

Os padrões observados nos indicadores de varejo e serviços em 2025 estão intimamente ligados à dinâmica do consumo das famílias e às condições macroeconômicas, especialmente taxa de juros, renda e crédito disponível.

3.3.1 Consumo das famílias

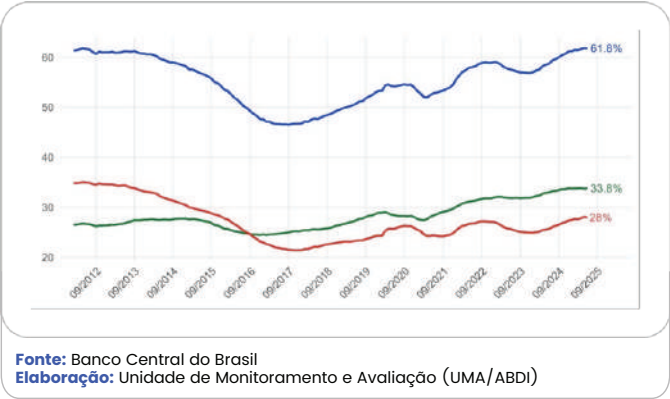
A ampliação do consumo das famílias, em 2025, está intimamente ligada ao mercado de trabalho aquecido, apesar da recomposição lenta da renda do trabalho, como observado na seção 2. Os dados do PIB do 1º trimestre de 2025 confirmam essa tendência¹⁴: a Despesa de Consumo das Famílias cresceu 2,6% em volume na comparação com o 1º tri de 2024. Segundo o IBGE, esse crescimento foi puxado pela maior massa salarial real e pelo aumento do crédito disponível, apesar dos juros elevados. Ou seja, mesmo com o custo do dinheiro mais caro, as famílias conseguiram consumir mais graças à melhora de renda e a expansão do crédito ao consumidor. Além disso, cabe destacar a continuidade dos programas de transferência de renda, em especial o crescimento do BPC em 2025, como um dos motivos da resiliência da demanda.

¹⁴ Boletim CNT nº1 – ABDI

3.3.2 Crédito & Juros

Apesar do aperto monetário retomado desde setembro de 2024, houve avanço nas concessões de crédito total pelo Sistema Financeiro Nacional, tanto para pessoas físicas como jurídicas. Esse contínuo avanço nas concessões de crédito é um dos fatores que corroboram com a expansão da demanda, observada nos dados da PMC e da PMS do IBGE (Gráfico 24):

Gráfico 24 – Evolução das concessões de crédito para PF e PJ em razão do PIB, 2012-2025 em porcentagem



Vale frisar, no entanto, três pontos cruciais em relação ao mercado de crédito. Em primeiro lugar, a expansão dos empréstimos, ocorrida desde o início de 2024, contribuiu para a resiliência do consumo, conforme observado nos setores de comércio e serviços. Em segundo lugar, os efeitos da política monetária contracionista (no atual contexto, aumentos da SELIC)¹⁵ e, portanto, os recentes aumentos da taxa básica de juros ainda não tiveram efeito total na renda e no emprego e, dessa forma, no próprio mercado de crédito. Em terceiro, o aumento da concessão de crédito em si não explica a totalidade dos efeitos da política monetária, podendo surgir fenômenos compensatórios entre, por exemplo, aquisição de máquinas e equipamentos e crédito rotativo para pessoas físicas. A complexidade do setor, consequentemente, exige análise profunda para diagnosticar-se com segurança a razão dos números.

Ressalte-se que alguns indicadores de crédito, importantes para as tomadas de decisões de consumo e investimento:

Tabela 3 – Indicadores de Crédito Seleccionados, 2019 a 2025 em porcentagem

	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025
Taxa Básica de Juros (Selic) crédito - (%) a.a.(2)	4,40	1,90	9,15	13,65	11,65	12,15	15,00
Taxa média de juros das operações de crédito - % a.a.(2)	22,26	18,24	24,26	29,72	28,23	28,62	45,36
Taxa média de juros das operações de crédito - com recursos livres% a.a.(2)	33,27	25,01	33,32	41,11	40,59	40,74	45,36
Taxa média de juros das operações de crédito - com recursos direcionados % a.a.(2)	7,15	7,93	9,46	11,15	10,7	10,96	12,5
Endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional em relação à renda acumulada nos últimos doze meses(em %)	41,47	41,75	49,44	49,00	47,69	48,32	48,94
Comprometimento de renda das famílias com o serviço da dívida com o Sistema Financeiro Nacional (em %)	21,80	21,51	24,99	26,63	24,99	25,74	27,29

1. Em 2025, assinala a reunião do Copom realizada em 06 e 07 de maio de 2025. Demais anos: a taxa SELIC indica a última reunião do Copom realizada no ano;
2. Aponta a última taxa registrada no ano. Em 2025, corresponde ao mês de janeiro;
3. Designa o saldo registrado no último dia do ano. O número de 2025, mostra o saldo do mês de janeiro

Fonte: Banco Central do Brasil
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Observa-se dos dados acima um crescimento tanto do Endividamento das Famílias quanto do Comprometimento da Renda com o Sistema Financeiro Nacional. Tal cenário é reflexo dos patamares elevados dos juros e do custo do crédito. Ainda, ressalta-se que os níveis de inadimplência têm crescido de janeiro de 2024 até o momento, de maneira quase linear. Em janeiro, a inadimplência da carteira de crédito total atingiu 3,26% para 3,55%, valor mais alto desde 2017. Esse crescimento é explicado em sua totalidade pelo aumento na inadimplência de pessoas físicas.

O cenário atual de renda em alta e crédito caro deve continuar moldando, portanto, o desempenho do comércio e dos serviços no restante de 2025. Por um lado, a melhoria no mercado de trabalho e programas de transferência de renda ajudarão a sustentar a demanda agregada. Por outro lado, com a manutenção das taxas de juros elevadas, há risco de arrefecimento do consumo, em especial de bens duráveis e semiduráveis.

¹⁵ Por exemplo, Barcellos e Portugal (2002): É o mercado míope em relação à política fiscal brasileira?

4

Comércio exterior

Os dados preliminares do balanço de Transações Correntes, elaborados pelo Banco Central do Brasil (BACEN), mostra déficit no período de janeiro a junho de 2025 em US\$ 32,8 bilhões, ante um déficit de US\$ 17,6 bilhões no mesmo período em 2024. O crescimento do saldo negativo em US\$ 15,2 bilhões deve-se à redução do saldo da balança comercial em US\$ 11,2 bilhões, principalmente em função de: a) aumento das importações; b) ampliação do déficit na conta de serviços em US\$ 1,4 bilhão; e c) crescimento de US\$ 3,0 bilhões no saldo negativo dos rendimentos relativos à renda primária, a qual inclui remuneração de trabalhadores, renda de investimentos (juros, dividendos e lucros) e aluguéis (Tabela 4).

Tabela 4
Balança de Transações Correntes – Brasil: Jan- jun. 2024 e 2025
em US\$ milhões

Discriminação	2024			2025*	
	jun	jan-jun	Ano	jun	jan-jun
I. Transações correntes	-3.368	-17.563	-57.890	-5.131	-32.808
Balança comercial (bens)	5.661	37.264	65.842	5.287	26.055
Exportações ^{1/}	29.010	168.592	339.856	29.285	167.110
Importações ^{2/}	23.349	131.328	274.014	23.998	141.055
Serviços	-4.358	-24.791	-54.981	-4.518	-26.227
Renda primária	-4.940	-31.395	-72.063	-6.202	-34.401
Renda secundária	269	1.359	3.313	302	1.765

*Dados preliminares.

Notas:

1. Exclui mercadorias deixando o território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues no território nacional (exportação ficta), encomendas postais e outros ajustes.
2. Exclui mercadorias ingressando no território nacional sem mudança de proprietário. Inclui mercadorias entregues fora do território nacional (importação ficta), importação de energia elétrica sem cobertura cambial, encomendas postais e outros ajustes.

Fonte: MDIC (Estatísticas do Setor Externo: junho: 2025)

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

4.1 A balança comercial

A Tabela 5 mostra os principais bens exportados pelo Brasil por países de destino com destaque para a China e Estados Unidos, entre os quais, participaram em conjunto, com 42,4% e 40,8% nos períodos de janeiro a junho de 2024 e 2025 respectivamente.

Observando a balança comercial, no período de janeiro a junho de 2025, descobre-se que os principais itens exportados para China foram matérias-primas brutas, abrangendo uma ampla gama de produtos, como minerais, madeira e outros itens usados como insumos na indústria (65,1%), e combustíveis e lubrificantes (19,9%) (Tabela 6).

Tabela 6 – Exportações brasileiras dos principais produtos para a China, 2024* a 2025*
em US\$ FOB

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional - CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
Materias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis	34.213.936.854	66,3%	31.033.538.733	65,1%
Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados	11.350.089.309	22,0%	9.492.615.578	19,9%
Produtos alimentícios e animais vivos	4.336.019.838	8,4%	5.024.890.962	10,5%
Artigos manufaturados	912.040.978	1,8%	1.053.821.071	2,2%
Produtos químicos e relacionados, n.e.p.	213.466.708	0,4%	367.527.977	0,8%
Total dos 05 primeiros	51.025.553.687	98,9%	46.972.394.321	98,5%
Total Geral	51.572.973.455	100%	47.683.888.978	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)

Fonte: ComexStat

Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

Tabela 5 – Exportações Brasileiras dos Principais Países
Ano 2024* a 2025*
em US\$ FOB

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional - CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
China	51.572.973.455	30,9%	47.683.888.978	28,7%
Estados Unidos	19.182.735.558	11,5%	20.021.125.065	12,1%
Argentina	5.869.870.632	3,5%	9.120.625.180	5,5%
Países Baixos (Holanda)	5.609.837.412	3,4%	5.617.856.851	3,4%
Espanha	5.093.412.700	3,1%	4.708.687.726	2,8%
Total dos 05 primeiros	87.328.829.757	52,3%	87.152.183.800	52,5%
Total Geral	166.957.758.387	100%	165.869.735.735	100%

Notas: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)

Fonte: ComexStat

Elaboração: Observatório da Indústria da ABDI

Esses dois conjuntos respondem por 85% da pauta de exportações para a China e 24,1% do total geral das exportações brasileiras. Dentro desse grupo, porém, observou-se significativa queda no valor exportado dos principais produtos, entre janeiro a junho de 2025. A redução das matérias primas brutas foi de 9,4% e dos combustíveis foi ainda maior, registrando um percentual de 15,9%. Esse fato, implicou em uma queda de aproximadamente US\$ 5 bilhões na pauta exportadora brasileira.

Para o segundo maior parceiro comercial do Brasil, os Estados Unidos, o maior volume de exportações, até junho de 2025, foram, por ordem, os artigos manufaturados (25,7%), produtos alimentícios (18,9%) e máquinas e equipamentos de transporte (18,8%) (Tabela 7). Juntos, esses produtos exportados para os Estados Unidos, representam participação de 7,6 % do valor global das vendas brasileiras ao exterior.

Tabela 7 – Exportações Brasileiras dos Principais Produtos – Estados Unidos, 2024* a 2025* em US\$ milhões

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional – CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
Artigos manufaturados	4.767.648.712	24,9%	5.153.401.672	25,7%
Produtos alimentícios e animais vivos	2.623.924.492	13,7%	3.783.925.272	18,9%
Máquinas e equipamentos de transporte	3.692.708.396	19,3%	3.768.109.433	18,8%
Combustíveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados	4.099.387.135	21,4%	3.253.738.994	16,3%
Materias em bruto, não comestíveis, exceto combustíveis	1.788.260.593	9,3%	1.764.300.45	8,8%
Total dos 05 primeiros	16.971.929.328	88,5%	17.723.475.825	88,5%
Total Geral	19.182.735.558	100%	20.021.125.065	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Abrindo o grupo dos produtos mais exportados para esse país – os artigos manufaturados – os principais bens comercializados foram: ferro e aço, produtos não metálicos e manufaturas de madeira, respondendo por uma participação relativa de 60,7%, de 11,1% e de 8,2% respectivamente (Tabela 8). Ao contrário do comportamento observado para a China, houve acréscimos nas receitas externas dos principais produtos exportados para os Estados Unidos entre janeiro e junho de 2024 em relação ao mesmo período de 2025. Artigos manufaturados, produtos alimentícios e máquinas e equipamentos de transporte cresceram 8,5%, 42,3% e 2,1% respectivamente, contribuindo com um acréscimo de US\$ 1,6 bilhão na balança comercial.

Tabela 8 – Exportações brasileiras de artigos manufaturados Estados Unidos: janeiro a junho de 2025 em US\$ FOB

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional – CUCI (Seção)	Exportação 2025	% Participação 2025
Ferro e aço	3.130.146.731	60,7%
Minerais não metálicos, n.e.p.	571.216.919	11,1%
Manufaturas de cortiça e madeira (exceto mobiliário)	420.723.273	8,2%
Artigos de borracha, n.e.p.	285.795.628	5,5%
Metais não-ferrosos	262.338.105	5,1%
Total dos 05 primeiros	4.670.220.656	90,6%
Total de Artigos Manufaturados	5.153.401.672	100%

Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Em relação as importações, os principais países de origem estão posicionados por ordem de valores na Tabela 9. Os maiores importadores são, também, a China e Estados Unidos, participando com 26,3% e 16,0% respectivamente. Juntos, respondem por quase 40% as importações brasileiras nos períodos de janeiro a junho de 2024 e de 2025. Observa-se, todavia, um forte aumento das importações chinesas (22,2% maior), dos Estados Unidos (11,5% maior) e de um pequeno aumento para a Alemanha em 3,0% no período em análise.

Tabela 9 – Importações brasileiras dos principais parceiros comerciais – Ano 2024* a 2025* em US\$ FOB

Países	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
China	29.201.390.743	23,3%	35.691.782.733	26,3%
Estados Unidos	19.462.399.099	15,5%	21.695.869.597	16,0%
Alemanha	6.837.938.920	5,5%	7.043.085.880	5,2%
Argentina	6.073.764.750	4,8%	6.169.347.232	4,5%
Rússia	5.324.207.916	4,2%	5.079.204.135	3,7%
Total dos 05 primeiros	66.899.701.428	53,3%	75.679.289.577	55,7%
Total Geral	125.403.033.781	100%	135.777.242.034	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

A elevação das importações oriundas da China, deve-se ao comportamento dos principais produtos comercializados. De acordo com a Tabela 10, máquinas e equipamento de transporte, produtos químicos e artigos manufaturados participavam com 54,7% 17,8% e 15,5% respectivamente, respondendo por 88% das importações vindas da China em 2025. Embora a composição relativa dos produtos importados não se altere de maneira expressiva nas pautas de importações de 2024 e 2025, verifica-se uma alteração relevante nos valores importados desses produtos.

Tabela 10 – Importações brasileiras dos principais produtos – China, 2024* a 2025* em US\$ milhões

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional – CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
Máquinas e equipa/os de transporte	15.862.400.988	54,3%	19.505.568.952	54,7%
Prod. químicos e relacionados, n.e.p.	4.722.901.357	16,2%	6.347.857.275	17,8%
Artigos manufaturados	4.824.757.940	16,5%	5.537.908.507	15,5%
Obras diversas	3.312.801.145	11,3%	3.797.610.548	10,6%
Produtos alimentícios e animais vivos	204.749.182	0,7%	281.184.076	0,8%
Total dos 05 primeiros	28.927.610.612	98,1%	35.470.129.358	99,4%
Total Geral	29.201.390.743	100%	35.691.782.73	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Os itens máquinas e equipamento de transporte, produtos químicos e artigos manufaturados viram os valores importados da China aumentarem em 23,4%, 31,0% e 14,6% respectivamente, o que, representa um crescimento de aproximadamente US\$ 6 bilhões. Grande parte desse valor é atribuído a aquisição de plataformas de perfuração ou submersíveis no valor de US\$ 2,6 bilhões, conforme demonstrado na Tabela 11. Esses produtos não estavam presentes no ano de 2024, porém começaram a ser importados em volumes expressivos em 2025. Englobam estruturas industriais flutuantes ou fixas utilizadas em operações de petróleo, gás natural, transporte marítimo e offshore, os quais participam com 13,6% do valor total dos bens importados do Gigante Asiático.

Tabela 11 – Importações Brasileiras de Máquinas e Equipamentos de Transporte – China, 2024* a 2025* em US\$ FOB

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional – CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
Flutuantes ou plataformas de perfuração ou submersíveis	0,0	0,00%	2.661.061.089	13,60%
Veículos automóveis para transporte de pessoas, n.e.p.	2.579.465.164	8,80%	2.047.812.273	10,50%
Dispositivos fotossensíveis semicondutores; diodo emissor de luz	1.490.618.303	5,10%	914.408.926	4,70%
Peças	660.598.777	2,30%	657.404.870	3,40%
Conversores estáticos (por exemplo, retificadores)	550.782.663	1,90%	492.539.605	2,50%
Total dos 05 primeiros	5.281.464.907	18,10%	6.773.226.763	34,70%
Total de Máquinas e Equipamentos	29.201.390.743	100%	19.505.568.952	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Os principais produtos importados pelo Brasil junto aos Estados Unidos no período de janeiro a junho de 2024 e 2025 encontra-se dispostos na Tabela 12. Somente o item, máquinas e equipamentos de transporte responderam por 40,3% das importações desse país, enquanto produtos químicos e combustíveis e lubrificantes participavam com 25,2% e 21,6% respectivamente. Juntos, participavam com 87,1% das importações norte-americanas e 13,8% do valor total das importações brasileiras. No período analisado, observou-se um incremento relativamente considerável das importações de máquinas e equipamentos de transporte em 18,4% e 9,2% em produtos químicos, representando uma redução do saldo da balança comercial em US\$ 1,8 bilhão, exclusivamente na aquisição desses produtos.

Tabela 12 – Importações Brasileiras dos Principais Produtos – Estados Unidos, 2024* a 2025* em US\$ FOB

Classificação Uniforme para o Comércio Internacional – CUCI (Seção)	Exportação 2024	Participação 2024	Exportação 2025	Participação 2025
Maquinas e equipamentos de transporte	7.387.592.058	38,0%	8.752.861.624	40,3%
Produtos quimicos e relacionados, n.e.p.	5.013.054.991	25,8%	5.472.578.626	25,2%
Combustiveis minerais, lubrificantes e materiais relacionados	4.468.495.373	23,0%	4.677.402.463	21,6%
Obras diversas	1.067.700.451	5,5%	1.181.197.512	5,4%
Artigos manufaturados	1.018.432.947	5,2%	1.005.627.749	4,6%
Total dos 05 primeiros	18.955.275.820	97,4%	21.089.667.974	97,2%
Total Geral	19.462.399.099	100%	21.695.869.597	100%

Nota: 2024* (janeiro a junho) e 2025* (janeiro a junho)
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

O quadro da balança comercial brasileira deve ser alterado substancialmente nos próximos períodos em função da elevação das tarifas ad valorem impostas pelos Estados Unidos sobre as exportações brasileiras: 50% em cerca de 3,8 mil itens. A taxação pode ter diferentes impactos. Ao inibir a importação dos produtos brasileiros os Estados Unidos podem aumentar a oferta interna do bem, buscar mercados alternativos ao Brasil para aquisição dos produtos, reduzir a oferta dos bens taxados e com isso um provocar aumento de preços interno, caso não aconteça redução da demanda norte-americana. Um cenário alternativo também pode ser manter a importação do produto brasileiro e repassar parcial ou totalmente as tarifas ao consumidor final. Essa medida, todavia, tende a afetar o ritmo das atividades econômicas brasileira as exportações, impactar o PIB, o nível de emprego e refletir sobre as importações. Essas questões serão objeto de análise no próximo boletim.

4.2 A balança de serviços e o saldo da Renda Primária

Quando se observa as trocas comerciais de serviços do Brasil, o déficit na conta totalizou US\$ 4,5 bilhões em junho de 2025, frente a um déficit US\$ 4,4 bilhões registrado em junho de 2024, não alterando substancialmente o saldo. Demonstraram maiores aumentos relativos, as despesas líquidas de telecomunicação, computação e informações (24,6%), de propriedade intelectual (22,8%), de viagens (17,0 %), de transporte (8,0) e de aluguel de equipamentos (7,8%) (Tabela 13).

Já o déficit em renda primária aumentou em 26,0%, passando de um déficit de US\$ 4,9 bilhões em junho de 2024 para US\$ 6,2 em junho de 2025.

Tabela 13 – Balança de Serviços brasileira, jan-jun/2024 e jan-jun/2025 em US\$ milhões

Discriminação	2024			2025	
	jun	jan-jun	Ano	jun	jan-jun
Total	-4 358	-24 791	-54 981	-4 518	-26 227
Transportes	-1 097	-6 242	-15 064	-1 185	-7 308
Viagens	-1 105	-5 473	-12 330	-1 293	-5 988
Seguros	-107	-1 136	-1 965	-75	- 833
Serviços financeiros	- 3	- 24	155	96	711
Serviços de propriedade intelectual	- 789	-4 255	-8 683	- 968	-5 432
Telecomunicação, computação e informações	- 500	-3 858	-7 431	- 623	-4 504
Aluguel de equipamentos	- 935	-5 342	-11 186	-1 008	-6 088
Outros serviços de negócio ^{1/}	607	3 847	6 345	539	3 034
Serviços culturais, pessoais e recreativos ^{2/}	- 391	-2 302	-4 793	18	- 113
Serviços governamentais	- 92	- 422	- 910	- 89	- 471
Demais serviços ^{3/}	54	416	880	71	764

* Dados preliminares
Notas:
1. Inclui serviços de pesquisa e desenvolvimento, serviços jurídicos, serviços de publicidade, serviços de engenharia e arquitetura, serviços de limpeza e despoluição;
2. Inclui serviços audiovisuais, serviços de educação e serviços de saúde;
3. Inclui serviços de manufatura, serviços de manutenção e reparo e serviços de construção.
Fonte: Estatísticas do Setor Externo: junho: 2025
Fonte: ComexStat
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

4.3 O saldo em transações correntes

O déficit brasileiro em transações correntes, como observado na Tabela 4, mostrou crescimento surpreendente, acumulando saldo negativo de US\$ 32,8 bilhões de dólares entre janeiro e junho de 2025. Se comparado com o resultado de janeiro a junho de 2024, a diferença entre a entrada e a saída de recursos aumentou 86,8%. A explicação para esse desempenho vem de todos os números que compõem a conta, pois, comparando o primeiro semestre de 2024 com primeiro semestre de 2025, percebe-se que: a) o saldo positivo da balança comercial caiu 30,1%; b) o déficit na conta de serviços cresceu 5,8%; c) a renda primária aumentou viu o saldo negativo aumentar 9,6%¹⁵.

Nos três casos, é importante observar, o desempenho parece atrelado à recuperação econômica do Brasil, marcadamente a partir de 2024. No caso da Renda Primária, os dados do BACEN mostram que esse incremento se deveu, principalmente, às despesas líquidas de lucros e dividendos, associadas ao investimento direto e em carteira que aumentaram em 45,6%, passando de US\$ 2,6 bilhões em junho de 2024 para US\$ 3,8 bilhões em junho de 2025. Já nos saldos de bens e serviços transacionados, o crescimento das importações é a causa básica para o déficit, refletindo a elevação interna da demanda, marcadamente em insumos.

Por isso, mais do que números preocupantes, o resultado em transações correntes aponta para os problemas causados pela perda de elos intermediários nas cadeias produtivas brasileiras desde os anos 1990. A necessidade de recuperar a participação do valor adicionado industrial sobre o PIB ganha, portanto, urgência, frente ao impacto do crescimento econômico sobre as contas externas.

Se os valores, hoje, ainda não preocupam, em razão das divisas acumuladas pelo país, a configuração de um vínculo estrutural entre crescimento econômico e elevação dos déficits externos exige atenção das autoridades para que o PIB brasileiro não seja ameaçado, no futuro, por problemas cambiais.

15 Apenas a Renda Secundária mostrou melhora no saldo, passando de US\$ 1,4 bilhão para US\$ 1,8 bilhão no período entre janeiro e junho de 2024 e 2025, respectivamente. Nessa conta estão computadas as Transferências Correntes (não possuem contrapartida econômica) e impostos e contribuições associados.

5

Cenário da Indústria Brasileira

O contexto atual da indústria brasileira é marcado por um cenário de desaceleração. Desde o pico de produção registrado há quase 14 anos, o setor enfrenta desafios que dificultam o crescimento, reduzem a atração dos investimentos produtivos e afetam os níveis de produção. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE, o atual patamar de produção está 15% abaixo do máximo atingido em maio de 2011, enquanto na indústria da transformação a queda da produção foi ainda maior: 16,6% abaixo do máximo obtido em 2011.

5.1 Projeções sobre a indústria nacional¹⁷

As projeções macroeconômicas para o Brasil, elaboradas por instituições como o Ipea e a CNI, indicam um cenário de crescimento positivo, embora moderado, para os próximos anos. Após um crescimento robusto do PIB em 2023 (3,2%) e uma continuidade da expansão em 2024 (3,4%), as estimativas apontam para desaceleração em 2025, com projeções variando entre 2,3% (CNI) e 2,4% (Ipea). Essa desaceleração está relacionada à adoção de uma política monetária mais restritiva, às turbulências da guerra fiscal impostas pelos Estados Unidos e aos processos ininterruptos de ajuste fiscal.

Setorialmente, a agropecuária sofreu forte retração em 2024 (-3,2%) após um crescimento excepcional em 2023 (16,3%). Para 2025, espera-se uma recuperação significativa, com projeções de crescimento de até 8%, segundo o Ipea. A indústria, por sua vez, segue em expansão moderada, com crescimento estimado entre 1,4% e 2% para 2025, impulsionada principalmente pela indústria da transformação e pelo setor de construção civil. O setor de serviços deve manter estabilidade, refletindo sua resiliência e a consistência do consumo doméstico.

Do ponto de vista da demanda interna, o consumo das famílias apresentou forte expansão em 2024 (4,8%), apoiado pela melhora no mercado de trabalho e pelo crescimento do crédito. No entanto, prevê-se uma desaceleração para 2025 (2%), resultado esperado diante do ambiente de juros mais altos, pressões inflacionárias e lenta recuperação da renda do trabalho. Os investimentos (formação bruta de capital fixo) cresceram fortemente em 2024 (7,3%), impulsionados pelo PAC e por investimentos privados, mas devem retrair em 2025 devido ao aumento no custo do capital.

No caso do IPEA tem-se:

Tabela 14 – Projeções IPEA: taxas de crescimento do PIB e de seus componentes em percentual

	Observado				Previsto			
	2023	2024	2024 T4	2025 T1	2025 T2		2025	2026
			Trim ano anterior	Trim ano anterior	Trim ano anterior	Trim ano anterior desazonalizado		
PIB	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Agropecuária	16,3	-3,2	-1,5	10,2	8,8	0,7	8,0	1,0
Indústria	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Serviços	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Consumo das famílias	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Consumo do governo	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
FBCF	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Exports de bens e serviços	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8
Imports de bens e serviços	3,2	3,4	3,6	2,9	2,5	0,5	2,4	1,8

Link da publicação: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>
Fonte: IPEA
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Já no caso da CNI, os números estimados são:

Tabela 15 – Projeções da CNI para o PIB
Taxa de crescimento anual (%)

	2023	2024	2025*
PIB	3,2	3,4	2,3
Agropecuária	16,3	-3,2	5,5
Indústria total	1,7	3,3	2
Indústria extrativa	9,2	0,5	1
Indústria da transformação	-1,3	3,8	1,9
Eletricid. e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	5,8	3,6	2,5
Construção	-0,3	4,3	2,2
Serviços	2,8	3,7	1,8
Consumo das famílias	3,2	4,8	2,2
Consumo da administração pública	3,8	1,9	1,7
Investimento	-3	7,3	2,8
Exportações	8,9	2,9	4
Importações	-1,2	14,7	3,8

Link da publicação: <https://www.portaldaindustria.com.br/publicacoes/2025/4/informe-conjuntural>
Fonte: IBGE e CNI
*Projeção: CNI

17 Os estudos prospectivos consistem na análise de séries históricas de dados e na identificação de padrões com o intuito de construir possíveis cenários para o futuro. No contexto econômico, esses estudos são aplicados para definir o planejamento de políticas que oriente a alocação de recursos e as ações estratégicas.

Para a inflação, as projeções para 2025, tanto pelo IPCA quanto pelo INPC, revelam pressões, especialmente no setor de serviços. A previsão atualizada de junho para o IPCA mostra elevação de 6,2% nos serviços, contra 5,5% em março, enquanto os preços administrados também sobem 4,4%. Alimentos e bens industriais mantêm estabilidade em relação às projeções anteriores (Tabela 16). Para o INPC, os alimentos sobem 6,4%, serviços 6,0% e preços administrados 4,2%, o que impacta diretamente a população de menor renda (Tabela 17).

Tabela 16 – Projeção para o IPCA de 2025 em percentual

	Peso	Projeção anterior - março/25		Projeção atual - junho/25	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2025	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2025
Alimentos no domicílio	15,9	7,2%	1,1	6,7%	1,1
Bens industriais	22,8	3,6%	0,8	3,6%	0,8
Serviços - totais	35,6	5,5%	2,0	6,2%	2,2
Serviços - exceto educação	31,0	5,4%	1,7	6,2%	1,9
Educação	4,6	6,5%	0,3	6,5%	0,3
Bens industriais	25,7	4,9%	1,3	4,4%	1,1
IPCA	100	5,2%		5,2%	

Link da publicação: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>
Fonte: IPEA
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Em ambos os índices, a inflação projetada está acima da meta definida pelo Banco Central, sinalizando um desafio para a política monetária.

Tabela 18 – Cenário para juros e câmbio: fim de ano

	Observado		Previsto	
	2023	2024	2025	2026
Taxa de juros SELIC (% a.a. final do período)	11,75	12,25	15	12,5
Taxa de câmbio R\$/US\$ (final do período)	4,84	6,19	5,7	5,6

Link da publicação: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>
Fonte: IPEA
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Gráfico 24 – Concessões totais de crédito aos consumidores e às empresas Taxa de variação anual (%)

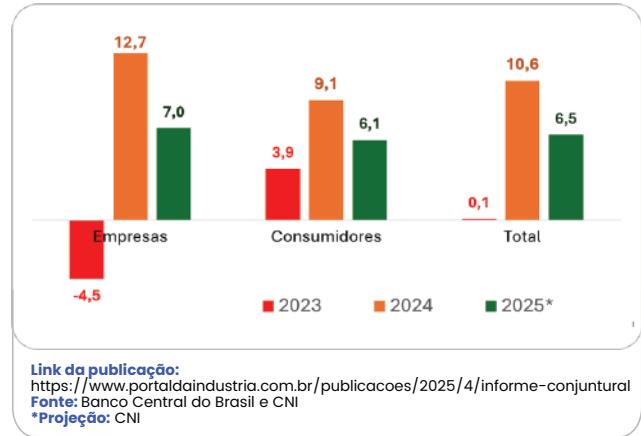
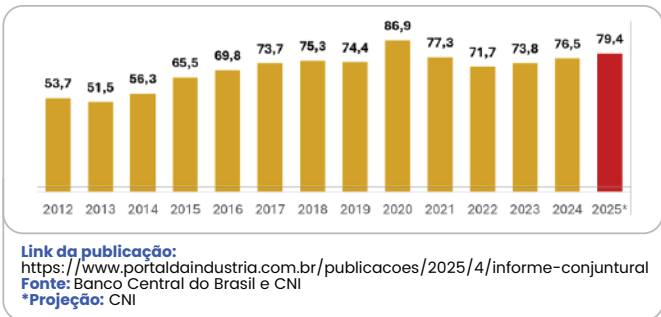


Gráfico 25 – Trajetória da Dívida Bruta do Setor Público percentual do PIB (%)



Já para o INPC, as projeções são:

Tabela 17 – Projeção para o INPC para 2025 Taxa de crescimento anual (%)

	Observado		Previsto	
	2023	2024	2025	2026
Taxa de juros SELIC (% a.a. final do período)	11,75	12,25	15	12,5
Taxa de câmbio R\$/US\$ (final do período)	4,84	6,19	5,7	5,6

Link da publicação: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>
Fonte: IPEA
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Nesse contexto, a taxa básica de juros (Selic) seguir em 15,0% a.a., durante 2025, um aumento considerável em relação aos 12,25% projetados para o final de 2024. Essa elevação é justificada pelo Banco Central como necessária para conter a inflação persistente, em função de fragilidades fiscais e pressões cambiais. O câmbio, por sua vez, mostra forte depreciação: de R\$4,84/US\$, no final de 2023, para R\$6,19/US\$, em 2024, e R\$5,70/US\$, em 2025. Essa desvalorização reflete a saída de capitais especulativos atentos à elevação dos juros internacionais e a perda de confiança no ambiente econômico doméstico (Tabela 18).

O mercado de crédito também sente os efeitos desse cenário. Após crescer 10,6% em 2024, as concessões totais de crédito devem desacelerar para 6,5% em 2025 (Gráfico 24). A taxa permanece alta, apesar da alta dos juros e o aumento da inadimplência que levam o sistema bancário a adotar uma postura mais seletiva. O problema afeta o consumo e os investimentos.

Por fim, a dívida bruta do setor público deve atingir 79,4% do PIB em 2025, uma trajetória de alta que preocupa profissionais do mercado financeiro e economistas simpáticos ao mainstream (Gráfico 25). Para esses analistas, o cenário exige superávits primários consistentes, controle de gastos obrigatórios e avanço em reformas estruturantes. Diferentemente, pesquisadores heterodoxos (keynesianos, institucionalistas, schumpeterianos e outros) retiram peso dessa variável, chamando a atenção para o retorno de investimentos que rendem mais do que a taxa básica de juros.

5.2 Projeções dos impactos no Brasil das medidas tarifárias dos Estados Unidos

Pesquisa recente, realizada pelo Nemea-Cedeplar/UFMG, projetou o impacto da guerra fiscal imposta pelos Estados Unidos ao Brasil e ao mundo. Os cenários futuros foram desenhados conforme as medidas vigentes e anunciadas até a data de 10/07/2025:

- Elevação para 30% das tarifas de importação dos EUA de produtos chineses;
- Elevação para 10% das tarifas de importação da China de produtos estadunidenses;
- Elevação para 50% da tarifa de importação de automóveis e aço nos EUA, atingindo todos os países;
- Elevação para 50% das tarifas de importação dos EUA sobre produtos brasileiros, em agosto de 2025;
- Elevações de tarifas de importações dos EUA para 14 países, também em agosto de 2025: Argélia, Líbia, Iraque: 30%; Brunei, Moldávia: 25%; Filipinas: 20%; Japão, Coreia do Sul, Malásia, Cazaquistão: 25%; Indonésia: 32%; Tailândia, Camboja: 36%; Laos, Myanmar: 40%; Bangladesh, Sérvia: 35%; África do Sul, Bósnia-Herzegovina: 30%; Tunísia: 25%

Considerando as medidas anunciadas, o impacto no PIB mundial representaria uma redução de 0,12%, equivalente a perda US\$ 93 bilhões em produtos. Além da menor atividade, o comércio mundial também seria prejudicado, reduzido em 2,29%, equivalente a perdas na ordem de US\$ 483 bilhões (Tabela 19).

Tabela 19 – Impacto global das medidas tarifárias do EUA e China

Indicador	Var. %	US\$ milhões*
PIB Global	-0,12	-93.728
Comércio Mundial	-2,29	-482.764

Link da publicação: https://pesquisas.face.ufmg.br/nemea/wp-content/uploads/sites/20/2025/07/Guerra_Comercial_NEMEA_julho_2025.pdf
Fonte: Nemea-Cedeplar/UFMG
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Nos Estados Unidos, o PIB sofreria redução de -0,37%. Por outro lado, a China enfrentaria uma diminuição -0,15% no seu PIB, demonstrando o pequeno efeito adverso das tarifas sobre sua economia (Tabela 20).

Tabela 20 – Impacto no PIB regional das medidas tarifárias

Indicador	Var. %	US\$ milhões*
EUA	-0,37	-72.444
China	-0,15	-19.001
Brasil	-0,16	-2.628

Link da publicação: https://pesquisas.face.ufmg.br/nemea/wp-content/uploads/sites/20/2025/07/Guerra_Comercial_NEMEA_julho_2025.pdf
Fonte: Nemea-Cedeplar/UFMG
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

Na economia brasileira, considerando o PIB e seus componentes, observa-se que as medidas tarifárias resultariam em uma contração de 0,16% no PIB, cerca de R\$ 19 bilhões, refletindo diretamente a queda das exportações e do saldo comercial. As vendas ao exterior apresentariam redução expressiva de 2,44%, sinalizando o significativo choque trazido pelo novo cenário internacional. As importações também registrariam queda, de 1,09%, evidenciando, junto com as exportações, o impacto sobre a corrente de comércio. O emprego também seria afetado negativamente, reduzindo os postos de trabalho em 0,21% sobre os níveis atuais (Tabela 21).

Tabela 21 – Impactos macroeconômicos no Brasil das medidas tarifárias

Indicador	Var. %	US\$ milhões*
PIB	-0,16	-19.191
Exportações	-2,44	-51.616
Importações	-1,09	-32.425
Saldo comercial	-0,33	-19.191
Emprego	-0,21	

Link da publicação: https://pesquisas.face.ufmg.br/nemea/wp-content/uploads/sites/20/2025/07/Guerra_Comercial_NEMEA_julho_2025.pdf
Fonte: IBGE, PIM-PF
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI).

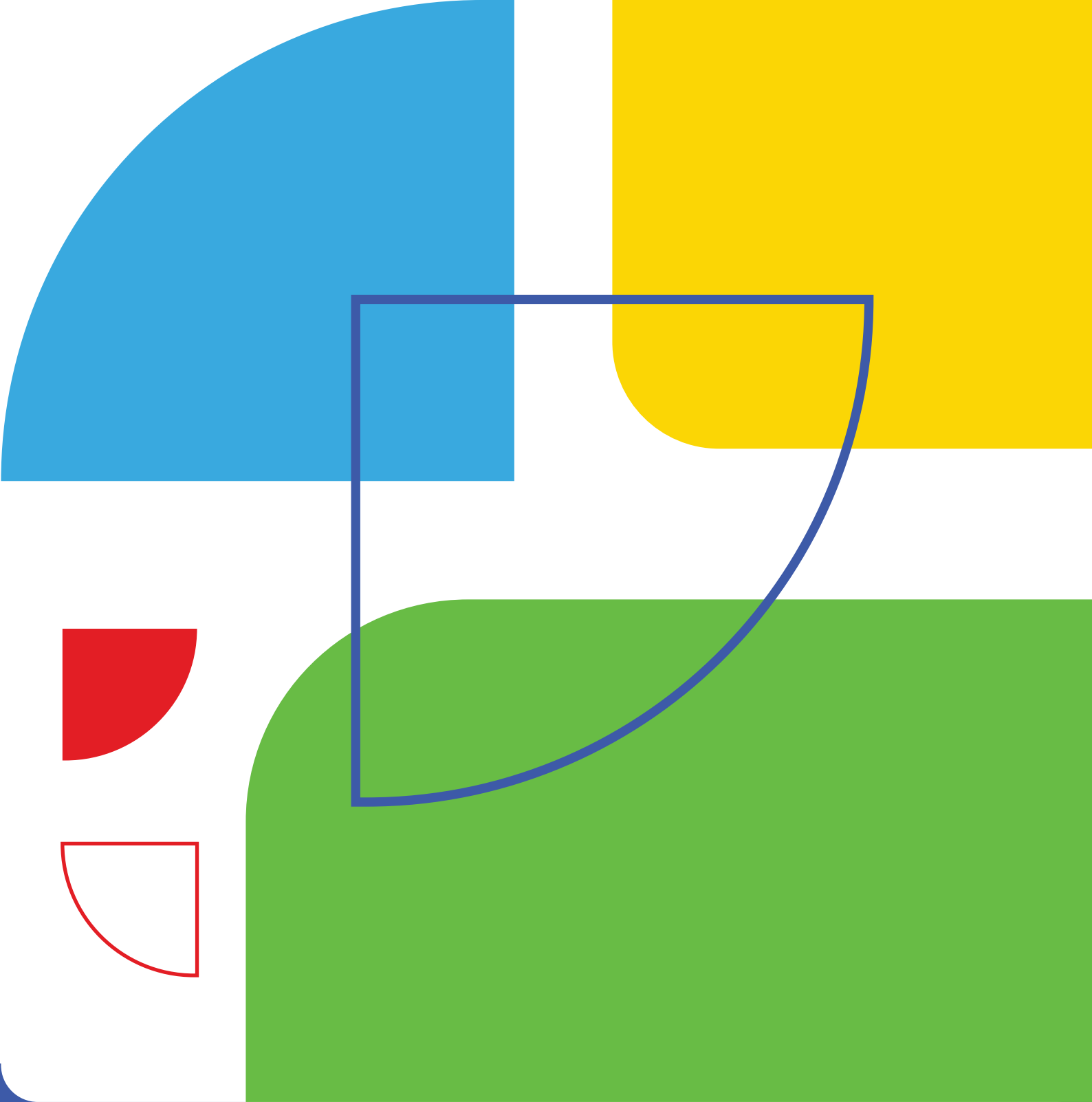
A projeção dos impactos das medidas tarifárias no emprego setorial brasileiro aponta reduções em diversos setores da economia, embora os números apontem para um impacto restrito sobre o conjunto do mercado de trabalho brasileiro¹⁸. Destaca-se, de maneira mais significativa, o setor Agropecuário, que apresentaria a maior perda de postos de trabalho, com uma redução de 41.119 ocupações. Outros setores também poderiam ter quedas relevantes, como Comércio (-31.696 empregos), Indústrias de Transformação (-26.568 empregos), Transporte, Armazenagem e Correio (-8.465 empregos), Outras Atividades de Serviços (-1.632 empregos) e Indústrias Extrativas (-493 empregos). No total, as medidas tarifárias resultariam em uma queda de cerca de 110 mil empregos, demonstrando o alcance e a gravidade dos impactos no mercado de trabalho nacional (Tabela 22).

Tabela 22 – Impactos sobre o emprego setorial no Brasil das medidas tarifárias (var. ocupações/emprego) em unidades de posto de trabalho

Setor	Var. emprego
Agropecuária	-41.119
Comércio	-31.696
Indústria de transformação	-26.568
Transporte, armazenagem e correio	-8.465
Outras atividades de serviços	-1.632
Indústria extrativista	-493
TOTAL	-109.973

Link da publicação: https://pesquisas.face.ufmg.br/nemea/wp-content/uploads/sites/20/2025/07/Guerra_Comercial_NEMEA_julho_2025.pdf
Fonte: Nemea-Cedeplar/UFMG
Elaboração: Unidade de Monitoramento e Avaliação (UMA/ABDI)

18 Apenas como comparação, a perda total de postos de trabalho em razão do “tarifaço” estadunidense (109.973 empregos em risco) é menor do que o total de empregos formais gerados no Brasil apenas em maio (148.992). De outro modo, o impacto negativo esperado exige atuação rápida das autoridades econômicas, todavia, os problemas causados serão restritos, capazes de gerar dificuldades apenas setoriais.



O **Boletim de Conjuntura Industrial** é uma publicação da **Unidade de Monitoramento e Avaliação da ABDI**.

Gerente: Roberto S. Pedreira / **Elaboração:** Carlos Eduardo Flores de Araújo, Carlos Henrique de Mello Silva, Edson F. Lopes, Pedro Acioly Teixeira, Raphael L. Ribeiro e Ricardo L. C. Amorim.
Para detalhes, metodologia e outras informações sobre a indústria, consulte portal do Observatório da Indústria.

Endereço: www.observatorio.abdi.com.br

Autorizada a reprodução deste boletim desde que citada a fonte.